



Sara Albino Silva

**Relatório do Projeto de Investigação**

150140024

**Educação para os valores através da literatura**

**Relatório da componente de investigação  
da unidade curricular Estágio IV do  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e  
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Orientador: Professor Doutor Luciano  
José dos Santos Baptista Pereira**

**Dezembro 2017**

## Agradecimentos

Ao longo destes cinco anos, muitas foram as pessoas que passaram pela minha vida e fizeram parte deste percurso. Não consigo nomear cada uma delas, mas a todas manifesto o meu profundo agradecimento.

Agradeço ainda aos docentes que me acompanharam neste percurso, que me ajudaram a crescer como profissional. Em especial, agradeço à minha orientadora de estágio, Professora Ana Sequeira que me acompanhou durante todo o estágio, mas também me ajudou bastante na concretização do presente relatório. E a todas as instituições onde realizei os estágios, bem como aos professores cooperantes e às crianças que participaram no estudo, mostrando sempre um grande interesse e disponibilidade.

Um grande obrigado ainda às minhas Estrelinhas e à minha colega Paula que me acompanharam nesta luta diariamente, dando força e determinação para nunca desistir. Mostraram-me como todo o trabalho realizado até agora, vem compensar para o resto da minha carreira profissional, que é com vocês que me sinto feliz e concretizada. Obrigada infinitamente “Pintainho”.

Aos meus amigos, em especial à Alexandra, ao David, e à Ana Lúcia, que me ouviram pacientemente sempre que estava a desesperar, e me deram na cabeça sempre que necessário, para que nunca desistisse e lutasse por o que realmente quero. Foram muito os momentos de apoio e compreensão, bem como os momentos de receios e angústias. Agora partilho convosco as conquistas e vitórias, obrigada pela amizade.

Por fim, o maior agradecimento, é à minha família, em particular à minha mãe, à minha irmã, à Suri e ao meu pai, por me apoiarem, encorajarem e permitirem que sonhasse e concretizasse os meus sonhos. Obrigada pelos momentos em que duvidaram e pelos momentos em que acreditaram incondicionalmente, esta luta também é vossa. Obrigada por tudo.

A todos, muito obrigada, esta conquista não é minha, é nossa!

## Resumo

O presente relatório de investigação tem como objetivo dar a conhecer o projeto desenvolvido no decorrer da unidade curricular de Estágio IV, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este, descreve e reflete sobre a intervenção pedagógica em contexto de uma turma de 3.º. ano de escolaridade do 1.º. Ciclo do Ensino Básico, assente na abordagem da educação para os valores aliada à literatura infantil, usando estratégias que pretendem envolver o aluno ativamente em todo o processo de ensino-aprendizagem.

A metodologia utilizada, considerada a mais adequada à natureza do projeto, posiciona-se na abordagem da investigação-ação, inserindo-se numa perspetiva de investigação qualitativa. Desta forma, o método de recolha de informação baseou-se em toda a intervenção no contexto, na observação participante, nas notas de campo, na análise documental, e nos inquéritos e entrevistas aos alunos.

Através do estudo, pude concluir que a Literatura para a Infância se apresenta como um recurso bastante válido quando aliado à educação para os valores, fazendo desta forma com que os alunos tenham mais facilidade em identificarem-se com as situações das histórias e refletir acerca dos comportamentos e atitudes. Este recurso suscita ainda o interesse e motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil; Educação para os valores; Narrativa; Ensino do 1.º ciclo do ensino básico.

## Abstract

The present investigation report aims to give knowledge about the project developed on the course unit of IV internship, of the Master in Pre-school Education and 1<sup>st</sup> cycle of Basic Education. This, describes and reflects about pedagogical intervention within the context of a 3<sup>rd</sup> year class of the 1st Cycle of Basic Education, founded on an approach of education for values allied to children's literature, applying strategies that attempt to actively involve the students throughout the teaching-learning process.

The methodology used, which is considered the most appropriate to the project's nature, settles on the approach of investigation-action, integrating the perspective of qualitative investigation. Therefore, the method of information collection was based on the whole intervention on educational context, on participant observation, on field notes, on document analysis and on student surveys and interviews.

Through this study, I concluded that Children's Literature presents as a considerable valid resource when allied to education for values, making it easier for the students to identify with the story's situations and reflect about their attitude and behavior. This resource also raises the student's interest and motivation throughout the teaching-learning process.

**Key words:** Children's literature; Education for values; Narrative; Education of 1<sup>st</sup> cycle of Basic Education.

## Índice

Agradecimentos .....	2
Resumo .....	3
Abstract .....	4
Introdução .....	7
Capítulo primeiro .....	10
Quadro teórico de Referência .....	10
1.1 – Breve enquadramento da Literatura para a Infância .....	10
1.2 A narrativa .....	13
1.3 - A educação para os valores .....	15
1.4 - A educação para os valores e a narração de histórias .....	18
1.4- As Histórias e os Valores no Currículo .....	21
Capítulo Segundo .....	26
2.1 Metodologia de investigação .....	26
2.2 Instrumentos de recolha e de tratamento de dados .....	30
2.3 Contexto do Estudo .....	34
2.3.1 A Instituição .....	34
2.3.2 A turma .....	36
2.4 Apresentação e Interpretação da Intervenção .....	37
Descrição das Atividades .....	38
1. Entrevista a cinco alunos escolhidos aleatoriamente .....	39
2. Leitura e exploração da história “O Segredo do Crocodilo Nino” .....	41
3. O guião de leitura .....	43
4. A narrativa .....	45
5. O que é para mim a honestidade? .....	47
6. Entrevistas Finais .....	48
Considerações finais .....	50
Bibliografia .....	53
Anexos .....	58
Anexo I - Elementos físicos presentes na leitura da obra .....	58
Anexo II – Planificação da Leitura e exploração da história “O Segredo do Crocodilo Nino” .....	59
“O segredo do crocodilo Nino” .....	59

<b>Anexo III – Fotografia do livro abordado.....</b>	<b>60</b>
<b>Anexo IV - Guião de leitura de um aluno. ....</b>	<b>61</b>
<b>Anexo V – Planificação da atividade de preenchimento do guião de leitura. ....</b>	<b>62</b>
<b>“O segredo do crocodilo Nino” .....</b>	<b>62</b>
<b>Anexo V I– Planificação da atividade da construção da narrativa.....</b>	<b>64</b>
<b>Jogo dos Dados .....</b>	<b>64</b>
<b>Vamos corrigir.....</b>	<b>65</b>
<b>Anexo VII – Guião da elaboração da narrativa. ....</b>	<b>67</b>
<b>Anexo VIII – “O jogo da narrativa”.....</b>	<b>68</b>
<b>Anexo IX – Lista de Verificação da construção da narrativa. ....</b>	<b>69</b>
<b>Anexo X – Narrativas construídas pelos alunos. ....</b>	<b>70</b>
<b>Anexo XI – Planificação da atividade “O que é para mim a honestidade?”.....</b>	<b>74</b>
<b>A Honestidade.....</b>	<b>74</b>

## Introdução

O presente projeto investigativo insere-se no âmbito das unidades curriculares de Estágio IV e Seminário de Investigação sobre Práticas Pedagógicas do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A educação para os valores e a sua importância, é um tema que se tem vindo a debater no currículo do 1º ciclo do ensino básico. Como tal, após alguma reflexão e ponderação, tendo em conta o contexto onde realizei o estágio, Escola Básica nº5 em Setúbal, a escolha do tema de investigação recaiu sobre a mesma, através da literatura infantil no 1º ciclo do ensino básico.

A escolha do tema teve como principal motivo a observação do contexto escolar no estágio do 1º semestre, na turma de 1º ano. Apesar de me interessar e preocupar muito com a educação, com os valores morais e com a educação para os valores, verifiquei que as crianças desta escola tinham muita dificuldade em resolver os seus conflitos, partindo muito rapidamente para a agressão e tendo muita dificuldade em aceitar as diferenças culturais e étnicas. Por outro lado, e tendo em conta a análise dos programas, bem como o meu percurso escolar, considero que a estrutura do programa de 1º ciclo, não aborda, nem disponibiliza muito tempo para a exploração deste tema, considerando que poderá ser bastante pertinente conciliá-lo com a literatura infantil. Através das informações fornecidas pela professora cooperante, as crianças, deste contexto, têm poucos recursos e estímulos no que se refere à literatura, mas apesar disso, demonstram um grande interesse quando o professor o utiliza na sala de aula. Ao longo do estágio na Escola Básica nº5, deparei-me com diversas questões que representam a importância e a pertinência da educação de valores, sendo que de acordo com Andrade (2005:2), o estágio é uma parte importante do currículo, pois representa a fase em que o licenciado vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e, passo a expressão, sentir na pele o compromisso com o aluno, com as famílias, com a comunidade e com a instituição escolar que determina a sua inclusão civilizadora. Desta forma comecei por me questionar: “Porque é que as crianças têm tantas dificuldades em gerir os seus conflitos?”, “O que posso fazer para educar estas crianças, de forma a tornarem-se cidadãos conscientes e reflexivos das suas atitudes?”, “Que valores lhes posso transmitir?”, “Que recursos poderei utilizar?” e “A literatura infantil pode

contribuir para a formação pessoal e social dos alunos?”. Estas questões incluem assim a formação pessoal e social das crianças, visto que a educação para os valores é uma das suas componentes.

Considero ainda que no meu percurso escolar e académico tive fases em que gostei mais desta área de conteúdo do que outras. Percebendo a dificuldade em transmitir e educar as crianças para os valores, sendo que a ação pedagógica do professor e a pertinência da aprendizagem dos conteúdos para a vida real das crianças, fazem com que estas devam vivenciar aprendizagens que tenham significado para o seu dia-a-dia. A forma como o professor aborda os conteúdos, é fundamental para que a criança perceba e aprenda, conseguindo fazer o elo de ligação para o seu quotidiano.

Assim, e tendo em conta o que observei, constato que as crianças precisam desde o momento em que tomam consciência que as ações têm consequências, que segundo Piaget (cf. Mussen, Conger e Kagan. 1977), ocorre por volta dos cinco anos, de uma intervenção a nível da educação cívica. No contexto em que o estudo foi realizado, as crianças mostravam-se muito revoltadas e com comportamentos agressivos, quer para com as outras crianças, quer também para com os adultos que as acompanham. Desta forma é essencial motivá-las de forma dinâmica nas suas aprendizagens, fazendo-as refletir acerca das atitudes e comportamentos que têm. Para tal, pretendi trabalhar os valores utilizando como recurso a literatura infantil, fazendo previamente a seleção dos valores que considere mais adequados tendo em conta o estágio de desenvolvimento das crianças e as situações problemáticas que mais incidentes provocam, e realizando “contratos” e projetos, com as mesmas, levando-as assim a repensar e refletir acerca dos valores a preservar.

Neste projeto pretendo então analisar e refletir acerca da importância da literatura na educação dos valores apoiando-me nas aprendizagens reunidas ao longo da Licenciatura em Educação Básica e do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em todas as unidades curriculares relacionadas com a literatura, a cidadania e a educação multicultural.

Ao propor-me trabalhar a educação para os valores utilizando como recurso a literatura, no 1.º Ciclo, pretendo que os alunos desenvolvam a formação intelectual, estruturando a imaginação, construindo a capacidade reflexiva acerca dos seus



comportamentos e atitudes, aumentando ainda o gosto pela literatura e a valorização da mesma nas aprendizagens.

Posto isto, através do desenvolvimento do projeto de investigação, creio desenvolver diversas aprendizagens que ser-me-ão bastante úteis para o meu futuro enquanto professora, estando consciente que surgirão bastantes questões ao longo do mesmo, mas tendo como objetivo final responder à questão central do desenvolvimento do projeto: “O Recurso da literatura infantil poderá contribuir para a consciencialização e aprendizagem de valores bem como meio para trabalhar conteúdos da língua portuguesa?”.

Para finalizar, os objetivos gerais do projeto foram essencialmente utilizar a narração de histórias bem como a construção da narrativa como estratégia para abordar a educação de valores. Para uma melhor realização do projeto, tracei ainda alguns objetivos mais específicos, tais como: desenvolver a compreensão dos valores através da construção da narrativa; identificar os valores presentes na história que ouviram; conseguir definir e exemplificar o valor trabalhado; identificar nas suas vivências o valor em causa; sensibilizar os alunos para a importância dos valores essenciais à vida em comunidade; e desenvolver nos alunos competências para a construção do texto narrativo.

# Capítulo primeiro

## Quadro teórico de Referência

### 1.1 – Breve enquadramento da Literatura para a Infância

A literatura e principalmente a sua leitura, revela-se nos dias de hoje como uma prioridade educativa. É fundamental na “formação intelectual, que é permanente, para além do facto de, aspectos mais significativos na infância e juventude, estruturar a imaginação e constituir um importante motor da sensibilidade e da reflexão.” (Glória Bastos:283). A nível social, a leitura promove a autonomia e a liberdade pessoal da criança, desenvolvendo uma maior capacidade para exercer a cidadania e atuar perante a sociedade, levando a criança a crescer e a amadurecer, individual e socialmente. Como tal, considero um instrumento adequado para aliar à educação para os valores, sendo que a escola é o local adequado para estimular a criança ao gosto pela leitura, tendo como principal objetivo criar leitores ativos.

Marc Soriano (1975:185) refere a literatura para a infância como um fenómeno de expressão. Este defende a literatura como uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma experiência (a do autor) e provoca a outra (a do leitor). Sendo um produto literário destinado às crianças, incluindo diversos subgéneros: as fábulas, a poesia infantil, os contos de fadas e os contos maravilhosos e o romance de aventuras.

Ao longo dos séculos, são relatados diversos episódios em que os povos se reúnem para relatar acontecimentos ou contar histórias. Este impulso de contar história nasceu do homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência própria, que poderia ter significado para todos (Rocha, Sousa & Rocha, 2009, p. 54). Segundo Albuquerque (2000:13-14) ao contador de histórias cabia a função de encantar os ouvintes com a sua voz mágica e transmitir valores culturais, desempenhando assim um papel duplo: entreter e instruir. Na Grécia antiga, as histórias eram utilizadas como meio moral, de forma a instruir os discípulos. Também nas escolas conventuais, na idade média, utilizavam-se as histórias, adaptadas da bíblia, de forma a ensinar as crianças e os jovens a ler e a escrever, transmitindo os valores morais. Rocha (2001: 95-96), refere que em Portugal, a época de honra da literatura

para a infância teve origem em 1974, após o fim do regime da ditadura, uma época marcada por uma série de acontecimentos que repercutiram na produção e difusão do livro. Sendo que no mesmo ano, diversos escritores publicaram as suas obras literárias para a infância, tal como Luísa Ducla Soares, António Torrado, entre outros. A UNESCO elegeu ainda esse mesmo ano (1974) como o Ano Internacional do Livro Infantil.

Devido a esta valorização da literatura para a infância, esta passa a ser encarada com outro olhar e começa a fazer parte da instrução do Magistério Primário (Rocha, T., 2001:96). Segundo Albuquerque (2000), a narração de histórias tem vindo a ser intensificada como estratégia escolar por educadores e professores do 1º ciclo. Segundo o mesmo, a partir do século XIX, também os pais começaram a descobrir a cumplicidade que se pode construir no momento do conto, ao contar histórias aos filhos antes destes adormecerem. (Albuquerque, F., 2000:14).

Em 2006 surge então o Plano Nacional de Leitura (PNL), por iniciativa do XVII Governo Constitucional, de forma a responder institucionalmente à preocupação com os níveis de literacia da população em geral e, em particular, dos jovens. Desde que foi implementado, o PNL tem vindo a concretizar um conjunto de estratégias que têm como objetivo desenvolver as competências nos domínios da leitura e da escrita, e ainda alargar e a aprofundar os hábitos de leitura da sociedade portuguesa.

Pensar a educação e a cultura como eixo de governação pressupõe a assunção da leitura como prioridade política, tomando esta competência como básica para o acesso plural ao conhecimento e ao enriquecimento cultural - indispensáveis ao exercício de uma cidadania ativa e ao desenvolvimento económico e social do país. Neste âmbito, o domínio alargado da competência da leitura é perspectivado como condição fundamental para a construção e consolidação de uma sociedade livre, com coesão social, acesso democrático à informação, ao conhecimento, e à criação e fruição culturais. (Plano Nacional de Leitura, 2017).

O PNL é então uma medida política que pretende formar o gosto pela leitura, enriquecer o vocabulário, desenvolver a linguagem e o pensamento, ampliar o conhecimento e estimular o imaginário da criança.

Assim, tal como Aroeira (cit. por Rocha, Sousa & Rocha, 2009:58) refere, “contar histórias é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve.”. Abramovich (cit. por Barbosa & Santos, 2009\_ 29) deixa claro “que quando se vai ler uma história – seja qual for – para crianças, não se pode fazer isso de qualquer

jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante.”. As histórias devem ser escolhidas criteriosamente com uma intencionalidade e estar relacionada com os interesses dos alunos, de forma a que lhes faça sentido e que proporcione aprendizagens significativas que lhes permitam compreender e analisar o mundo que os rodeia através das comparações e reflexões das mesmas. Desta forma, “a literatura infantil contada, dramatizada e narrada contribui para o desenvolvimento dos alunos.” (Silva, 2011:20). Considero que a literatura é um bom recurso para utilizar como estratégia para envolver o aluno e despertar interesse, visto que, de acordo com Abramovich (cit. por Silva, 2011), “contar histórias para as crianças é sempre uma maneira de sorrir com situações vividas pelas personagens, é também suscitar o imaginário, despertar curiosidade, encontrar outras ideias. Também é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, e das soluções que se vive na vida cotidiana.” (p. 23). Através das histórias, os alunos podem fazer um paralelismo com as próprias vivências, sendo mais simples explicar e perceber os conceitos abstratos que são os valores. Para uma criança os valores são bastante complexos, envolvendo um nível de abstração que as crianças ainda estão a desenvolver. Segundo Pinheiro (2013), “a utilização das histórias como estratégia de ensino irá permitir o desenvolvimento das aprendizagens necessárias para a criança, partindo da sua imaginação, fazendo com que esta estabeleça um paralelismo entre aquilo que é a ficção de uma história e aquilo que são os conceitos reais.” (p. 12). Desta forma, através da narração de histórias, torna-se mais fácil transmitir os valores às crianças, mas também para a criança reconhecer e interpretar a sua experiência da vida real. Sendo que, “Desde muito pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas.”. (BRASIL, 2009c, p. 8).

## 1.2 A narrativa

“ (...) a narrativa começa com a história da humanidade; não há em parte alguma povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta (...)” Roland Barthes (1973: 19).

Os estudos da narrativa remontam a Aristóteles por volta do ano 335 a.C.. Este começou a abordar o tema e tornou-se uma grande referência para estudos posteriores. (Viana, 2001).

Jung (1945-1984) defendeu a existência da estrutura no enunciado narrativo, dividido em quatro fases.

A primeira foi denominada por exposição, como afirma o autor citado por Viana (2001). Esta diz respeito à ação, às personagens e a situação inicial. A segunda fase, caracteriza-se pelo desenvolvimento da ação, retratando uma ligação linear entre a situação inicial e os acontecimentos que se vão desenrolando ao longo da ação. A terceira fase é designada por peripécia, ou seja, representa o momento em que acontecem as ações determinantes. Por fim, a quarta fase, é designada por solução ou resultado, sendo então o momento em que se resolve os conflitos que vão acontecendo ao longo da história.

Desta forma, de acordo com Sousa (1995, p. 49), a narrativa é “o mais universal dos géneros de discurso”, visto permitir à criança partilhar as suas emoções, comunicar ações, entre outras. Sim-Sim (2007, p.35), afirma ainda que “O grande objectivo da narrativa é a recreação de quem lê ou ouve, provocando respostas emocionais (surpresa, curiosidade, medo, satisfação) no leitor ou no ouvinte”. Além disso, “desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais.”. (Reis & Lopes, 2011, p.271).

Nesta diversidade de ocorrências integra também as narrativas literárias, isto é, “(...) um conjunto de textos normalmente de índole ficcional, estruturados pela ativação de códigos e signos predominantes, realizados em diversos géneros narrativos e procurando cumprir as variadas funções socioculturais atribuídas em diferentes épocas às práticas artísticas” (Reis & Lopes, 1987, p. 271). Sendo um estilo literário com uma

estrutura própria e um conjunto de características específicas, o texto literário caracteriza-se fundamentalmente pelo narrador:

(...)‘radical de apresentação’ – um narrador, explicitamente individualizado ou reduzido ao ‘grau zero’ de individualização, funciona em todos os textos narrativos como a instância enunciativa que conta uma “história” – e por relatar uma sequência de eventos ficcionais, originados ou sofridos por agentes ficcionais, antropomórficos ou não, individuais ou colectivos, situando-se tais eventos e tais agentes no espaço de um mundo possível (Silva, 2001, p. 202).

A narrativa é ainda caracterizada por componentes essenciais para a sua compreensão. A principal diz respeito à ação, em que são relacionados diferentes conceitos, tais como o tempo, o desenlace, os sujeitos e as transformações que ocorrem ao longo da história (Reis & Lopes, 2011). Portanto, “o texto narrativo apresenta um conjunto de características específicas, nomeadamente um determinado contexto espaço-temporal que enquadra a interação entre as personagens e uma sequência de acontecimentos singulares que atraem os leitores” (Niza, Segura & Mota, 2011, p. 63). Assim sendo, estas componentes só têm significado na “(...) configuração geral da sequência como um todo – o seu enredo. O acto de compreender uma narrativa é, pois, duplo: o intérprete deve compreender o enredo configurador da narrativa de maneira a conferir sentido às suas constituintes, que tem de relacionar com a trama” (Bruner, 1997, p.51).

Uma narrativa ideal começa por uma situação estável, que uma força qualquer vem perturbar. Resulta daí um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio se restabelece; Existem, conseqüentemente, dois tipos de episódios numa narrativa: os que descrevem um estado (de equilíbrio ou de desequilíbrio) e os que descrevem a passagem de um estado a outro (Egan, 1994, p. 93).

Desta forma, a narrativa apresenta “(...) de forma específica e clara, um início e um fim” (Egan, 1994, p. 36), sendo que a “história estabelece uma expectativa no início, que se elabora ou complexifica no meio, e é satisfeita no final” (idem, p. 37). Ou seja, começando desta forma com uma situação estável, sendo perturbada e provocando desta forma um desequilíbrio que será resolvido posteriormente.

### 1.3 - A educação para os valores

Ao falar de educação para os valores, é importante explicitar o conceito de valor. Existem várias definições sobre o mesmo, sendo que, o valor indica um modo desejável de comportamento, que se baseia num padrão de comportamento e de interação com os outros e com o meio. Os valores conjeturam ainda uma forma de avaliação do mundo, das pessoas e das situações (Almeida, 2012).

Segundo Kohlberg (citado por Marques, 1991: 55), a moralidade não se baseia unicamente num “conjunto de valores, adquiridos a partir do ambiente social”. Pressupondo a capacidade de “tomar uma posição perante um dilema ou valores conflitantes” (Marques, 1991: 55). Kohlberg defende ainda que o desenvolvimento da consciência moral reside na própria criança, sendo o “produto do aparecimento de novas estruturas cognitivas”, e estas vêm permitir a melhor compreensão do mundo social que as rodeia e a capacidade de distinguir diferentes perspectivas das situações que os outros possam ter.

Na minha perspectiva, as crianças aprendem fazendo e vivendo, não sendo diferente com a educação para os valores. Esta não se deve basear apenas na teoria, sendo essencial colocar os alunos a pensar sobre o assunto e a repensar as suas atitudes, tendo contacto com situações práticas que farão o paralelismo através da literatura, permitindo desta forma que tenham a possibilidade de avaliar o impacto da mesma na educação para os valores. Pretendo que as crianças não apliquem as aprendizagens apenas no contexto da escola, mas que as reportem para o seu dia a dia, utilizando desta forma exemplos das vivências externas.

Segundo alguns autores como Mussen, Conger e Kagan (1977: 368), é na infância que se apresenta a fase crítica do desenvolvimento da consciência moral da criança, ocorre que por volta dos dois e três anos de vida, o comportamento da criança é conduzido através das suas vontades, sendo que a consciência provém de proibições através das “sanções externas”. Entre os quatro a seis anos de idade, a consciência da criança passa a ser mais abstrata e generalizada, deixando de ser limitada por “sanções externas” e passando a ser sensível a “sanções internas”, ou seja, a criança começa a refletir mais acerca das suas ações.

Segundo Piaget, o conceito de justiça é desenvolvido na criança, entre os cinco e os doze anos, tornando o sentido de certo e errado muito mais flexível. Piaget constatou que, à medida que a criança se torna parte de grupos maiores e mais variados, as suas regras e julgamentos morais tornam-se menos absolutos e autoritários e passam a ir mais ao encontro das necessidades e desejos do grupo (cf. Mussen, Conger e Kagan. 1977).

Também Kohlberg (citado por Marques, 1991:sp) defende a existência de três níveis de desenvolvimento moral, sendo que cada um deste se desdobra em dois estádios distintos.

Tendo em conta o âmbito deste estudo, e a idade das crianças que participaram no mesmo, foquei-me sobre o nível pré-convencional e os estádios de orientação pelo castigo e obediência (estádio 1) e orientação instrumental e relativista (estádio 2).

O nível pré-convencional inicia-se aos três anos, prolongando-se até aos doze anos. Ao longo deste período, pode observar-se uma “lenta construção de uma série de conceitos que vão abrindo caminho para a libertação do pensamento” (Marques, 1991: 59). Assim, é nesta fase que a criança começa a desenvolver a capacidade de pensar sobre as diferentes perspetivas e de se colocar na posição dos outros.

Segundo Kohlberg no estágio 1, a criança age por critérios de castigo e obediência, ou seja, guia a sua ação de forma a evitar as punições, considerando que a consequência da ação é mais relevante do que a intenção, visto que o castigo é a consequência das “más ações”.

Pelo contrário, no estágio 2, a criança assume diferentes formas de olhar para um problema. É nesta fase, que surgem os elementos de justiça, reciprocidade e partilha igualitária, sendo ainda interpretados de forma material.

A idade da criança não é ainda assim um fator que determina o seu desenvolvimento moral, são importantes os relacionamentos da criança com o meio que a envolve, apresentando-se assim como um processo contínuo.

A família tem ainda um papel fulcral na educação dos valores das crianças, sendo que estes são, normalmente, os seus principais cuidadores e a sua principal fonte de afeto, as crianças tendem a seguir os seus exemplos. Assim, é comum a criança seguir os valores que observa na família, de forma a obter a sua aprovação. A criança



sente que se não seguir os valores da família, poderá perder a aprovação e o amor da mesma. Portanto, verifica-se cada vez mais que os direitos e deveres não estão tão convictos para as crianças, provocando desta forma uma alteração dos valores base da sociedade.

O principal objetivo da educação para os valores é “a aprendizagem do viver em comum” (Marques, 1991: 78). Desta forma, é fundamental um trabalho de equipa entre a família e a escola, visto que segundo Marques (1991: 76), Kohlberg afirma que o professor tem um papel importante na construção de valores, visto que o professor não julga os sentimentos e valores das crianças, mas pode “ajudar na discussão e partilha aberta de ideias sobre questões éticas e cívicas”. Marques (1991: 55-56) afirma ainda que “o ambiente mais adequado ao desenvolvimento moral é aquele em que há mutualidade e democracia nas relações entre as pessoas e em que os alunos são chamados a decidir sobre certas matérias e a intervir na criação das regras”. Desta forma, as crianças terão mais facilidade em obedecer às regras que são discutidas e negociadas.

Para Bolívar (cit. por Fonseca 2005:111) os valores são “como estruturas cognitivas que permitem ao sujeito não só ordenar, interpretar fenómenos da realidade física e social, mas que às vezes guiam o seu modo de se orientar nelas (...)”, possibilitando ao individuo analisar o que o rodeia dando sentido à realidade, sendo então critérios que utilizamos para valorizar ou desvalorizar a mesma. Através das nossas ações, podemos ainda enriquecer e complexificar os valores. Segundo Fonseca (2011:69), “os valores são uma espécie de lentes que permitem perceber e interpretar o real e o tecido de relações interpessoais que o constituem.”.

Os valores servem então para construir regras básicas para viver em sociedade. A educação para os valores estabelece “uma relação intrínseca e dialéctica, que se compreende no duplo sentido: todo o acto educativo veicula valores, a educação é na sua essência um valor (...)” (Fonseca, 2005:108). Assim, através da exploração das histórias, pretendo trabalhar os valores de forma construtivista desenvolvendo a consciência autónoma dos alunos. Rocha, Sousa & Rocha (2009:54) afirmam que “contar histórias é uma arte que vem de longa data, nos tempos primitivos, no tempo bíblico e no passado, nas portas das casas, com filhos à roda, ouvindo, se alegrando, guardando tradições.”. No entanto, a escola enquadra-se num contexto desfavorecido

em que, segundo a professora cooperante, os alunos têm poucos recursos e estímulos no que se refere à literatura, sendo que, segundo os registros, por vezes os familiares têm três empregos o que também causa alguns constrangimentos no tempo restante para estarem com os filhos.

## **1.4 - A educação para os valores e a narração de histórias**

A literatura infantil tem um papel muito importante na educação e na abordagem dos valores, principalmente nas crianças, exercendo uma grande influência a nível pedagógico, “quer seja pela contribuição para a formação do seu pensamento, pelos modelos que lhe apresenta ou pelos contributos do tipo intelectual que lhe coloca.” (Cervera, 1992: 339). Azevedo (2011) refere o potencial educativo da literatura infantil, passando pela apresentação de modelos e pela subtil veiculação de valores, bem como pelo seu papel decisivo no ensino e na aprendizagem da língua materna, no ensino básico.

Segundo Bettelheim (1999:11), para que a criança possa ficar presa a uma história, é fundamental, que a mesma não só a distraia, mas também desperte a sua curiosidade, e enriqueça a vida da criança, isto é, estimulando a sua imaginação, envolvendo o seu intelecto e esclarecendo as suas emoções. “Para tal, é necessário que esta esteja em sintonia com as suas angústias, as suas dificuldades e ao mesmo tempo sugira soluções para os problemas que as atormentam.” (Bettelheim 1999:11). As histórias apelam então ao ego das crianças, aliviando tensões inconscientes ou pré-conscientes “(...) à medida que as histórias se vão desvendando, elas dão crédito e corpo conscientes as tensões do id e mostram caminhos para satisfazer as exigências do ego e do superego.” (Bettelheim, 1999:73).

Vargas (2002) defende que a obra apresenta à criança uma “visão do mundo” que a rodeia, e coloca-lhe “problemas sobre a realidade humana e social”,

proporcionando à mesma a oportunidade de adotar uma atitude reflexiva e crítica perante a situação. Desta forma, a literatura permite que a criança alargue a sua forma de ver o mundo e de pensar sobre o mesmo. “Para a criança tudo está no princípio, o que faz nascer nela um sem número de interrogações e perplexidades em relação à vida.” (Magalhães, 2009: 81). A literatura infantil tem então a capacidade de proporcionar à criança situações de dúvida, tensão e conflito, idênticas às que enfrentam no seu dia a dia. Mas, ao contrário das que são vividas pelas próprias crianças, ao encontrá-las na literatura, conseguem distanciar-se suficientemente para refletir acerca dos modos de agir e das consequências dos atos nas personagens e mais tarde, relacioná-las com a sua realidade. Como frisa Reis (2008:3) que cita Egan (1986) as histórias narram ações desencadeadas por situações de conflito ou de tensões vividas pelos protagonistas o que possibilita discussões e debates. Desta forma, é possível relacionar a narrativa com as vivências das crianças, resolvendo assim os seus conflitos, de forma ponderada e significativa, levando as crianças a compreender as suas atitudes e atribuir-lhes significados. Logo, “Através da leitura das histórias, os indivíduos experimentam, simultaneamente, o distanciamento afetivo necessário à avaliação das situações e decisões descritas e a proximidade resultante da identificação com o enredo e os intervenientes. É neste processo de identificação que reside uma parte das suas potencialidades educativas ao nível das atitudes. As histórias proporcionam imagens, mitos e metáforas moralmente ressonantes que contribuem para o nosso desenvolvimento como seres humanos.” (Reis, 2008:3). Através destas situações proporcionadas pela literatura, a criança vai refletindo e descobrindo soluções de forma clarificada que permitem uma melhor visão do mundo que as rodeia e que por vezes pode ser bastante confuso. Desta forma, “um dos principais objetivos da literatura infantil é apresentar à criança a sua realidade, para que de acordo com a sua capacidade a valorize e adote uma determinada atitude perante ela.” (Vargas, 2002: s.p.). Assim, podemos inferir que a literatura infantil contribui significativamente para a formação da consciência das crianças, e consequentemente da sua identidade influenciando os seus valores. A criança ao analisar o comportamento das personagens das obras, está a distinguir o que considera correto ou errado, formando assim a sua visão da situação. Como nos refere Marques,

“há uma clivagem entre o bem e o mal, e ambos assumem formas humanas- as bruxas más e os lobos maus opõem-se às fadas-madrinhas e às

brancas-de-neve. O bom é inteiramente puro, o mau não deixa dúvidas quanto às suas intenções. Não há qualquer tipo de ambivalência, uma vez que para as crianças seria complicado entender que o bom também pode ser por vezes mau e vice-versa (...) as personagens boas são vulgarmente bonitas, o que as torna mais atractivas e facilmente possibilita que a criança se identifique com elas e queira fazer uma colagem ao seu comportamento (...) Invariavelmente, pretendem assemelhar-se ao herói ou heroína, personagem que triunfa perante o mal, e deste modo a regra é facilmente interiorizada.” (Marques In Certa 2007:23)

Apesar da contribuição da literatura infantil na abordagem aos valores, é essencial que seja apresentada de modo a fomentar o diálogo, em que a criança tem a oportunidade de refletir e reagir consoante a sua perspetiva, tendo o professor um papel muito importante nesta abordagem.

Cabe ao professor seleccionar livros que permitam ler e abordar em contexto educativo, que promovam o desenvolvimento social, psicoemotivo e cultural, e ainda, que enriqueçam a criança a nível da sua sensibilidade artística. É ainda fundamental que a abordagem aos valores seja feita através de diálogos com uma intencionalidade pedagógica, onde as crianças se sintam à vontade para expressar a sua opinião, sendo ouvidas e ouvindo as diferentes formas de pensar. O professor não deve impor os seus valores, muito menos criticar os diferentes dos seus, mas sim fornecer ferramentas que levem os alunos a pensar sobre as situações de forma reflexiva.

Pedro Cerrillo (2009) descreve o papel do professor na leitura e no gosto da criança pela literatura, como a ponte que se ergue entre os livros e os primeiros leitores (infantis e juvenis), e que “propicia e facilita o diálogo entre os dois.” (Cerrillo, 2009: 98). Para tal, segundo o autor, o professor deve arranjar estratégias que lhe permitam e facilitem a leitura junto das crianças, tendo a responsabilidade de seleccionar as obras. Apesar da responsabilidade que o professor acarreta na escolha literária, Daniel Pennac (1993), defende que o mesmo deve respeitar os gostos das crianças, permitindo que estas tenham acesso a qualquer obra, com maior ou menor qualidade estético literária. Assim, é importante que o professor possua “espírito crítico, capacidade para a intervenção comunicativa, criatividade, critérios socializadores, humanismo e, hoje

também, capacidade para entender e atender à diversidade cultural.” (Cerrillo, 2009: 99). Desta forma, o autor acredita que o professor é aquele que “fomentará as primeiras tendências leitoras, consolidando-as com as estratégias mais adequadas em cada momento” (Cerrillo, 2009: 100). Portanto, o professor é quem proporciona às crianças a porta para a magia e descoberta do prazer de ler e ouvir histórias, através de leituras expressivas e da promoção da leitura.

Tendo em conta o projeto implementado na turma, tive sempre a preocupação de escolher uma obra de qualidade, facilitadora da abordagem aos valores. Foi importante preparar uma leitura expressiva com elementos físicos<sup>1</sup> para ir mostrando ao longo da apresentação, como por exemplo as folhas que a personagem principal mostrava com mensagens e a própria personagem principal. Foi ainda importante orientar uma discussão reflexiva sobre os valores apresentados ao longo da obra.

## **1.4- As Histórias e os Valores no Currículo**

“Não esqueçamos: o educador é o construtor, o gestor do currículo, no âmbito do projeto educativo do estabelecimento ou do conjunto de estabelecimentos. O educador deve construir esse currículo com a equipa pedagógica, escutando os saberes das crianças e suas famílias, os desejos da comunidade e, também, as solicitações dos outros níveis educativos.” (ME/ DEB, 1997, p. 7)

Durante a investigação analisei os documentos curriculares referentes ao 1.º ciclo do ensino básico. Assim, constatei que o documento “Organização Curricular e Programas” (ME/ DEB, 2004), apresenta informações oficiais sobre os objetivos a atingir no 1.º Ciclo, nas áreas das expressões, sendo elas: expressão e educação: físico-motora, musical, dramática e plástica.

---

<sup>1</sup> Anexo I - Elementos físicos presentes na leitura da obra

Na área da educação físico-motora, apesar das histórias não estarem explícitas, podem verificar-se no modo como o professor elabora os circuitos de exercícios, tornando-os mais dinâmicos e apelativos para os alunos se os envolver numa história. Quanto à educação para os valores, o programa refere apenas que “O conteúdo deste Programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interacção com os companheiros, inerentes às actividades (matérias) próprias da E. F. e aos respectivos processos de aprendizagem.” (ME/ DEB, 2004 :35)

Na área da expressão e educação musical, as histórias estão presentes na utilização de ambientes/ texturas sonoras, bem como no “contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um reportório de canções do património regional e nacional.” (ME/ DEB, 2004:67). A educação para os valores não é referida no programa.

Na área da expressão e educação dramática, as histórias estão presentes no jogo simbólico, ou seja, nas dinâmicas inventadas pelas crianças. Estas aparecem como instrumento de imaginação e criatividade, e como processo de desenvolvimento da linguagem verbal e não-verbal. Os valores não estão explícitos, mas a expressão dramática permite que os alunos interpretem papéis onde vivenciam e experienciam diferentes valores, clarificando-os desta forma. Assim, “A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.” (ME/ DEB, 2004:77).

Na área da expressão e educação plástica não existe nenhuma referência às histórias nem à educação para os valores.

No Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico, os valores estão bastante implícitos, nomeadamente na preservação do meio ambiente. Apesar de não estarem explícitos nos objetivos do programa, encontram-se nos diferentes blocos do mesmo. No que diz respeito às histórias, estas não têm qualquer referência.

No documento Programa de Português do Ensino Básico (Reis et al., 2009), referente ao 1.º Ciclo, as histórias surgem claramente com um papel muito mais objetivo e explícito. As histórias impulsionam a competência de compreensão do oral,

forma de aprender e (re)conhecer a escrita, desenvolver aptidões que permitam produzir textos com objetivos críticos, pessoais e criativos, exprimindo desta forma opiniões, sentimentos e sensações, e desenvolver competências de redação. Pelo contrário, os valores surgem apenas de forma implícita e como motor que permite a argumentação e defesa fundamentada dos seus pontos de vista.

No Programa de Matemática do Ensino Básico (Damião, H. e Festas, I., 2013), as histórias estão apenas presentes nos enunciados dos problemas e tarefas. Em termos de valores, o programa não aborda os valores ético-morais.

Foram ainda analisadas as Metas Curriculares de Português e as Metas Curriculares de Matemática sendo que são documentos de apoio referencial aos professores.

Nas Metas Curriculares de Português, as histórias e os valores são reconhecidos e constituem-se como potencialidades. Pelo contrário, nas Metas Curriculares de Matemática, tal como verifiquei no “Programa de Matemática para o Ensino Básico”, não existem referências quer para as histórias, quer para os valores.

Após a análise dos programas e metas das disciplinas do ensino básico, constatei que as histórias e os valores não são considerados nas aprendizagens. Surgem apenas como estratégia para atingir determinado objetivo, sendo associado aos momentos lúdicos. Principalmente nas áreas da matemática e do estudo do meio, estes conceitos não aparecem explicitamente.

Refletindo acerca do que foi analisado, os documentos não dão o devido valor nem consideram importante as histórias e os valores no processo de aprendizagem dos alunos. Sendo então um pouco mais evidenciados nas áreas das expressões, nas questões linguísticas e na formação pessoal e social. Para Pinheiro (2012, p. 9), “a integração curricular constitui-se, assim, como a forma mais eficaz para formar cidadãos ativos e com conhecimentos práticos e efetivos”. Assim, é importante que o professor gire as aprendizagens dos seus alunos seguindo os documentos oficiais, mas adaptando às necessidades e interesses dos mesmos. Visto que, tal como defende Sónia Araújo (2008:11), a crescente diversidade na escola e na sociedade, implica que o direito de todas as crianças ao sucesso educativo e à igualdade de oportunidades obrigam que a Educação para os Direitos Humanos e a Educação para a Cidadania

tenham uma importância cada vez maior no sistema educativo. Esta dimensão da educação deve consistir na aprendizagem do respeito e da aceitação da diferença, entendendo o pluralismo como uma característica e, simultaneamente, um enriquecimento da nossa sociedade. Educando assim desta forma cidadãos capazes para viver em comunidade, respeitando o outro e o meio envolvente.

Na perspectiva de Marques (1998:26), “o que caracteriza um cidadão livre é a possibilidade e a competência para o exercício da cidadania, ou seja, a capacidade para defender pontos de vista, para argumentar, para tomar decisões de forma autónoma e para participar livremente na vida das comunidades.”. Assim, é fundamental que o currículo inclua parâmetros para a educação para a cidadania, visto que, para Fonseca (2001:27) para nos tornarmos cidadãos, “não se trata apenas (...) de fazer aquisições cognitivas ou de adaptar comportamentos. Aprender a ser cidadão implica, também, que se faça uma apropriação de valores, de códigos e de competências inerentes à conduta democrática em que se fundamenta, no essencial, o exercício da cidadania. Sendo, simultaneamente, uma tarefa cognitiva e socioafectiva, em cuja concretização a pessoa exerce um papel activo, tornarmo-nos cidadãos adquire uma natureza desenvolvimental e trata-se de uma tarefa para a qual concorrem domínios diversos do desenvolvimento psicológico, como sejam o desenvolvimento cognitivo, estético, moral e pró-social.”.

No sistema educativo (Conselho Nacional de Educação, 2000:21), pretende-se a construção da cidadania, “não transmitindo apenas o conhecimento dos direitos e deveres de cada cidadão, mas desenvolver sentimentos de pertença, de identidade a vários níveis que promovam aspirações e comportamentos sociais que favoreçam a coesão, a segurança, o desenvolvimento, a paz, com justiça e solidariedade.”, sendo essencial que a criança tenha oportunidade de discutir as ideias e os valores, não ficando apenas pelo ensino tradicional em que apenas escuta e não comunica. Desta forma os conceitos de bom e de mau permitem diferenciar e distinguir as situações, atribuindo-lhes valor. Assim, segundo Micaelo (2003:16), “educar para a cidadania envolve a educação das atitudes e uma hierarquia de valores, pois as atitudes reflectem a escala de valores que o sujeito possui.”. Sendo que a palavra valor significa apreciar, digno de estima, julgar e envolve a explicitação de sentimentos.

Tendo em conta o estágio que realizei, a professora cooperante não utilizava muito as histórias como estratégia pedagógica, sendo que trabalhava os valores



implicitamente nas conversas de grande grupo. Assim sendo, considerei importante explicitar os valores aos alunos, e mostrar-lhes através do projeto, como é possível aprender através das histórias e a importância das mesmas para as aprendizagens.

# Capítulo Segundo

## 2.1 Metodologia de investigação

O método escolhido é a investigação sobre a prática, sendo que a partir da exploração da literatura infantil, trabalhei os valores. O projeto investigativo tem como principal objetivo a análise e reflexão da minha prática pedagógica, considerando fundamental esta análise e reflexão em todos os momentos, desde a planificação até à execução no contexto da sala de aula. Assim, pretendi analisar e refletir acerca do “conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem ativamente” (Ponte, 2002, p. 3).

É fundamental que o professor seja reflexivo acerca da sua prática, tendo a consciência que ao conceber as planificações, ao analisá-las bem como ao modo como dinamiza a aula e o que as crianças aprenderam com a mesma, melhora significativamente tanto o ambiente educativo como a sua própria prática. Assim, considerei essencial ao longo do projeto, refletir e analisar cada momento do mesmo, de forma a perceber quais os pontos em que podia ser melhorado, e se os alunos desenvolveram aprendizagens significativas.

Na investigação que desenvolvi, realizou-se um projeto em torno dos valores, utilizando como recurso a literatura infantil. Inicialmente o objetivo era trabalhar um ou dois valores por semana, sendo que com a planificação das tarefas e com a análise e reflexão da mesma, percebi que seria muito difícil visto que teria apenas uma hora por semana para realizar o projeto. Desta forma, selecionei apenas uma obra para trabalhar de forma mais aprofundada ao longo do mesmo. Considerei fundamental que esta investigação seguisse as orientações curriculares, aliando-a a conteúdos da língua portuguesa e envolvendo os alunos a relacionarem o projeto com situações do quotidiano, de forma a que não só aprendessem em termos teóricos, mas que remetessem para as situações que lhes vão aparecendo, tornando-os assim reflexivos acerca dos próprios atos.

Assim, tive uma atitude de reflexão sobre a prática, de forma a perceber se as estratégias são adequadas e onde podem melhorar, tendo em conta o contexto e os objetivos da investigação.

Através da exploração da história, pretendi criar momentos de discussão em pequeno e grande grupo, que criassem situações de aprendizagem a nível da educação para os valores. Nestas discussões foram introduzidas situações-problema em que as crianças definiram o “certo” e o “errado” e fizeram “contratos semanais” da utilização do valor em causa. Como o tempo para realizar o projeto foi muito restrito e o programa curricular muito extenso, decidi aliar conteúdos da língua portuguesa ao mesmo, nomeadamente a narrativa. Assim, os alunos puderam não só desenvolver competências a nível da educação, com a educação dos valores, como também desenvolver competências a nível da língua, o que aliadas ajudaram os alunos a estruturar o pensamento, desenvolver a capacidade reflexiva e aprender a identificar e a aplicar o valor trabalhado em situações concretas.

Assim, na intervenção pretendia realizar atividades com os alunos onde poderiam analisar em grupos de quatro uma obra por semana, sendo que após apresentar a obra, iriam discutir e refletir em pequeno grupo do que falava a história e qual a moral ou valor apresentado, pedindo que dessem exemplos práticos e vivenciados do mesmo, fazendo assim o paralelismo com o seu quotidiano. Posteriormente, cada grupo, apresentava à turma as conclusões a que chegaram, realizando assim uma discussão em grande grupo. Ao fim das quatro obras, seriam novamente lembrados os valores trabalhados e iria ser construído um cubo dos valores apresentados, bem como um com os elementos constituintes da narrativa, de forma a que criassem desta vez uma nova história a partir das imagens que lhes saiu nos dados. Por fim, apresentariam à turma a narrativa que construíram.

Tal como já referi, o objetivo inicial era trabalhar diversos valores, sendo que, devido ao pouco tempo disponibilizado pela professora cooperante, tive de optar apenas por um valor e trabalhá-lo mais aprofundadamente de forma a que fizesse sentido para os alunos. Assim sendo, optei por trabalhar o valor da honestidade, visto ter sido, segundo a observação inicial dos incidentes que aconteciam e através dos relatos da professora cooperante, o mais adequado. Este valor insere-se na educação para os direitos das crianças e humanos “que está intimamente ligada à educação para a

cidadania democrática, incidindo especialmente sobre o espectro alargado dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, em todos os aspetos da vida das pessoas, enquanto a educação para a cidadania democrática se centra, essencialmente, nos direitos e nas responsabilidades democráticos e na participação ativa nas esferas cívica, política, social, económica, jurídica e cultural da sociedade.” (Ministério da Educação e Ciência, 2013:3). Como não foi possível trabalhar quatro valores por semana, trabalhámos apenas um de forma aprofundada, mas realizando na mesma todas as atividades pretendidas.

Desta forma, refletindo acerca das características da investigação, considero que a mesma possui um cariz qualitativo. Bogdan e Biklen (1994) referem que a influência dos métodos qualitativos no estudo de questões educacionais é cada vez maior. Identificam ainda cinco características ao definir a investigação qualitativa: a fonte direta de dados é o ambiente natural; é de carácter descritivo; o processo em si é mais importante que o resultado; a análise dos dados é realizada de forma indutiva; e por fim, é fundamental tentar compreender o significado que os alunos dão às suas experiências. (1994:47). Os mesmos autores defendem ainda que a metodologia é “frequentemente designada por naturalista, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc.” (Bogdan & Biklen, 1994: 17).

Sendo que a investigação é algo externo ao que se costuma praticar na turma, decidi realizar uma entrevista prévia a cinco alunos, de forma a perceber deste modo o que sabem sobre os valores, como costumam resolvê-los e a ligação que têm com a literatura. As questões que colocarei foram as seguintes:

- 1. O que é para ti um valor?**
- 2. Como achas que poderíamos trabalhar os valores?**
- 3. O que é uma atitude correta? E uma atitude incorreta?**
- 4. O que é um conflito?**
- 5. Porque achas que surgem os conflitos?**
- 6. Como resolves os conflitos?**
- 7. Achas correto resolver os conflitos com lutas?**

- 8. Existem regras na sala de aula? Sabes quais são? Costumas cumpri-las?**
- 9. Costumas ouvir ou ler histórias? Quando?**
- 10. Gostas de ouvir histórias? Porquê?**
- 11. Será que podemos aprender através das histórias? Porquê? Como?**

Ao longo das atividades ainda recolhi dados descrevendo o que se passou durante as mesmas, tentando sempre que possível registar em vídeo e fotografia, refletindo posteriormente o que se passou durante cada atividade e todo o processo. Considero também importante a observação dos comportamentos ao longo do projeto, tanto a minha observação, como a observação da professora cooperante que ia partilhando comigo ao longo do projeto e os próprios relatos dos alunos, valorizando acima de tudo o processo e não apenas os produtos.

A investigação assumiu a metodologia de projeto, sendo que no final da mesma, realizei um inquérito à turma toda, de forma a perceber o que aprenderam sobre o valor trabalhado, pedindo não só que o definissem, como também que apresentassem exemplos reais do seu quotidiano onde tenham observado ou praticado o valor em causa. E por fim realizei novamente entrevistas aos alunos selecionados aleatoriamente no primeiro momento, podendo desta forma comparar as mesmas e perceber a alteração das respostas. Acrescentando apenas as seguintes questões:

- 12. Lembraste da história que trabalhámos? Do que falava?**
- 13. E com a história que trabalhámos, aprendeste alguma coisa? Porquê?**

Para concluir, através da investigação sobre a prática, pretendi perceber como posso ensinar e transmitir valores, utilizando como recurso a literatura, promovendo essencialmente a capacidade de reflexão acerca dos atitudes e comportamentos.

## 2.2 Instrumentos de recolha e de tratamento de dados

O estudo parte de uma questão problema que surge através da observação do ambiente escolar e da identificação de alguns problemas. A partir dessa observação foi definido o tema e feito um levantamento do que queria trabalhar. Posteriormente analisei o que queria saber e o que iria perguntar, construindo desta forma uma entrevista que deu início ao estudo investigativo. É fundamental encontrar um foco concreto e bem definido de forma a conduzir corretamente a investigação.

As técnicas de recolha de informação foram então a observação inicial do comportamento da turma, que serviu para construir uma questão problema que se adequasse ao contexto e às necessidades das crianças. A observação é uma das principais técnicas utilizadas, sendo onde extrai e recolhi os dados cruciais na investigação sobre a prática. Foi fundamental que me inserisse no grupo de forma a que os alunos se sentissem à vontade para, desta forma, analisar global e intensivamente.

Para que a recolha de dados fosse fidedigna, recorri à utilização de um diário de bordo, onde pretendi registar o que observava e considerava relevante ao longo das tarefas que realizava, mas também onde refleti após cada atividade acerca de como correu, o que considerei que teve sucesso e o que poderia ser melhorado e como. Pretendi ainda recorrer à gravação de áudio, de forma a que mais tarde pudesse captar interações que no momento não consegui, sendo que estas gravações foram mais benéficas durante as entrevistas do que durante as atividades, visto que as atividades foram realizadas em pequenos grupos e houve mais agitação na sala. Quanto aos registos fotográficos, permitiram que ficasse com registo diário do que realizaram, visto que o projeto ficou na sala de aula exposto. Segundo Bogdan & Biklen (1994), “as fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspeção intensa posterior que procura pistas sobre relações e actividades” (p. 189).

Visto tratar-se de um tema onde é esperado a consciencialização e alteração de comportamentos, as conversas informais entre professor-aluno e alunos-alunos, foram bastante importantes para a recolha de dados. Desta forma foi essencial que estivesse bastante atenta às conversas que foram surgindo não só de situações dentro da sala de aula, bem como de situações exteriores que os alunos iam partilhando. Este registo permitiu-me refletir sobre a minha ação pedagógica e sobre a influência da investigação.

A análise documental das planificações e dos produtos que iam sendo realizados pelos alunos, foi outra forma de recolher dados. Considero que a metodologia de trabalho de projeto foi a mais adequada ao tipo de investigação que pretendi realizar, sendo ainda uma forma de trabalho que os alunos não estão habituados a realizar. Visto que os alunos realizavam apenas a metodologia do trabalho de projeto na disciplina de Estudo do Meio, realizando alguns projetos de investigação sobre determinados temas. Na disciplina de Português, esta prática não era implementada. O projeto teve diversas fases que fizeram com que os alunos não só tomassem consciência do valor trabalhado, como trabalhassem conteúdos da língua e desenvolvessem a capacidade reflexiva, apresentando sempre as conclusões a que chegaram em cada fase do projeto. Foi então fundamental analisar o processo de cada grupo e ao fim de cada atividade realizar um levantamento de ideias de forma a sistematizar o que foi trabalhado.

O inquérito e a entrevista foram ainda outras técnicas que utilizei. O inquérito foi muito simples, apenas com a questão “O que é para mim a honestidade?” sendo o momento em que os alunos fizeram a sistematização de todo o projeto realizado ao longo da investigação, tendo como obrigatoriedade definir o conceito e apresentar um ou mais exemplos em que tenham sido honestos ou que tenham visto alguém a sê-lo, refletindo desta forma o que cada aluno pensa sobre o tema. Este inquérito foi realizado apenas no fim do projeto e realizado por todos os alunos da turma, visto que pretendi que sistematizassem o pensamento e as aprendizagens e desta forma, pretendendo perceber o que aprenderam, onde têm dificuldades e se o sabem identificar e aplicar na sua vida quotidiana.

Na primeira fase da investigação realizei uma entrevista a cinco alunos, fazendo desta forma um levantamento do que sabiam sobre o tema e a forma como costumam agir perante os conflitos que foi analisada e feita uma comparação das respostas dos alunos. Estas entrevistas são importantes no estudo para saber qual o ponto de partida, percebendo o que sabiam sobre o tema e onde surgiam as dificuldades, de modo a torná-lo interessante e desafiante para as crianças. As entrevistas podem ser estruturadas ou semiestruturadas, sendo que segundo a natureza da investigação, optei por realizar entrevistas semiestruturadas. Na entrevista semiestruturada “o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma

orientação para o início da entrevista.” (Ghiglione & Matalon, 2001:64). Posteriormente, no fim do projeto, realizei a mesma entrevista aos seis alunos acrescentando apenas duas questões novas, de forma a poder analisar as respostas obtidas quer na primeira entrevista, como na segunda e por fim comparar as respostas, extraíndo desta forma a alteração das mesmas, percebendo assim se o projeto teve impacto nos alunos. Na preparação e no decorrer da entrevista, é fundamental ter em consideração o público alvo a que se destina, visto que são crianças e na primeira entrevista ainda não se sentem muito à vontade comigo, tendo sido realizada na primeira semana de estágio. Esta deve basear-se numa conversa informal, de forma a que a criança não tenha constrangimentos em falar comigo e não responder de acordo com as expectativas que acha que tenho. Apesar de ter as questões por uma ordem, na entrevista semiestruturada existe a oportunidade de não ser estanque, de forma a que surjam de acordo com as respostas das crianças, percebendo assim o que pensam acerca do tema. Por fim, é de salientar que as entrevistas foram registadas por escrito (o guião, as transcrições e alguns aspetos que considerava importantes) e por áudio, de forma a poder rever e para que nenhum detalhe passe despercebido.

Após a recolha dos dados, é fundamental analisar e refletir sobre os mesmos. Esta análise é necessária de forma a extrair o conteúdo, permitindo a inferência do que foi investigado. Num primeiro momento analisei e refleti acerca de cada aula que foi dada, de forma a identificar os pontos fortes e fracos, no sentido de criar estratégias para colmatar os fracos. Neste momento as notas de campo e as conversas informais com a professora cooperante, foram fundamentais para me auxiliar nesta fase.

Na segunda fase, e após terminar o estágio, analisei de forma aprofundada as entrevistas realizadas, quer a primeira, quer a segunda. Organizando assim a análise numa tabela que auxiliou na comparação de respostas. Como as entrevistas foram semiestruturadas e de resposta aberta, optei por organizá-las por categorias, sendo que através do processo da categorização as respostas dos alunos são reconhecidas, diferenciadas e classificadas de forma a organizar de forma específica e ser mais simples para analisar, atribuindo um número a cada categoria. Apesar de ser uma investigação qualitativa, nesta fase quantifiquei os dados, analisando estatisticamente as respostas dos alunos.

Como por exemplo:



	Perguntas	
Nome dos alunos	1. O que é para ti um valor?	2. Como achas que poderíamos trabalhar os valores?
C.	4	3
S.	2	3

Sendo que, o 1 corresponde ao **Não Sabe**, o 2 ao **Identifica**, o 3 ao **Apresenta Exemplos**, o 4 ao **Identifica e Apresenta Exemplos** e o 5 ao **Define**.

Nesta fase, são essenciais as notas de campos e as gravações áudio, que me permitiram voltar a ouvi-las detalhadamente, transcrevendo o que considerei mais importante, e analisando as respostas obtidas.

Numa terceira fase analisei aprofundadamente o projeto realizado durante a investigação, tendo como dados as produções dos alunos, as notas de campo, os registos fotográficos e áudio e as conversas informais. Nesta fase foi essencial focar-me apenas no que pretendia analisar. Analisei ainda alguns episódios que considerei relevantes e que ilustravam as conclusões a que cheguei. O projeto realizado pelas crianças foi composto por diversas fases, sendo que considerei que não havia necessidade de analisar cada fase, mas sim o processo e a forma como se envolveram no mesmo, sendo fundamental a análise das conversas informais e das conclusões a que chegavam.

Por fim, foi fundamental analisar a minha intervenção em toda a investigação, sendo importante refletir acerca da forma como contextualizei cada atividade do projeto, bem como as intervenções, a mediação das aprendizagens, e sendo um trabalho em grupos, a gestão da turma e dos conflitos que iam surgindo.

Sendo um tema de natureza reflexiva, considerei essencial refletir acerca da minha postura e capacidade de fomentar esses momentos, tendo promovido desta forma, aprendizagens ativas e a autonomia. Nesta fase, as reflexões diárias, as conversas informais e as gravações de áudio e vídeo auxiliaram-me bastante.

Analisei ainda as aprendizagens dos alunos, tentando perceber se em tão pouco tempo de investigação foi notória a mudança de pensamentos, atitudes e

comportamentos. Sendo esta uma análise um pouco relativa, apoiei-me essencialmente nas conversas informais, nas produções dos alunos, no inquérito e nas entrevistas. As entrevistas finais permitiram-me então analisar se o aluno mudou a forma de pensar sobre o tema, se alterou o seu comportamento em situações específicas e se sente que aprendeu o valor trabalhado com o recurso da literatura.

## **2.3 Contexto do Estudo**

A investigação decorreu numa situação de estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico, numa turma de 3º ano de escolaridade. A instituição tem como nome Escola Básica nº5, Peixe Frito, situada em Setúbal e pertencente ao agrupamento vertical de Escolas Ordem de Sant'Iago.

### **2.3.1 A Instituição**

O Agrupamento Vertical de Escolas Ordem de Sant'Iago localiza-se no Concelho de Setúbal. Constituído em 2003, engloba oito estabelecimentos de ensino, das freguesias do Sado e de S. Sebastião. A Escola Básica nº 1 do Faralhão possui duas turmas mistas: 1º e 4º anos e 2º e 3º anos; a Escola Básica nº 2 do Faralhão contém quatro turmas de 1º Ciclo; a Escola Básica/ Jardim de Infância do Faralhão possui duas turmas de jardim de infância e quatro turmas de 1º Ciclo, pertencendo todas elas à Freguesia Do Sado. A Escola Básica das Manteigadas tem duas turmas mistas: 1º e 4º anos, e 2º e 3º anos; a Escola Básica/ Jardim de Infância de Setúbal possui seis turmas de jardim de infância e dez de 1º Ciclo; a Escola Básica/Jardim de Infância n.º 5 de Setúbal é constituída por duas turmas de jardim de infância e onze turmas de 1º ciclo; a Escola Básica nº 7 de Setúbal tem oito turmas de 1º ciclo; e na Escola Básica e Secundária da Ordem de Sant'Iago há vinte e duas turmas de 2º ciclo, vinte e quatro

turmas de 3º ciclo e três turmas de 3º ciclo, pertencendo todas elas à Freguesia S. Sebastião. (Anexo A)

Segundo o Projeto educativo do Agrupamento de Escolas Ordem De Sant'Iago *“A missão do Agrupamento da Ordem de Sant'Iago é a de promover o sucesso educativo e valorizar a formação pessoal e social dos alunos, favorecendo a sua inserção socioprofissional, através duma preparação adequada às suas necessidades e expectativas, que vise prepará-los para um exercício profissional qualificado e para uma cidadania plena.”*

O projeto educativo da escola apresenta como principais objetivos a atingir: o aumento progressivo do sucesso escolar dos alunos do Agrupamento; a promoção de uma articulação mais eficaz entre os vários ciclos a nível vertical e horizontal; a motivação do aluno para a escola e para as aprendizagens, evidenciando-as como fatores de valorização pessoal, profissional e social; a diminuição do número de participações disciplinares e a reorientação positivamente dos casos problemáticos; melhorar o clima escolar em todas as componentes; diminuir o abandono escolar; e fomentar o envolvimento/acompanhamento dos Encarregados de Educação nas atividades escolares assim como na melhoria dos níveis de assiduidade dos seus educandos.

Quanto ao espaço físico, no rés-do-chão encontram-se as duas salas de jardim de infância, uma sala de prolongamento (que dinamiza atividades até às 17h30), um refeitório, duas casas de banho, um polivalente, uma sala de 1º ciclo, e ainda, uma Unidade de Apoio Especializado em Educação de Alunos com Multidificiência e Surdocegueira Congénita.

No primeiro andar encontram-se onze salas de aula para alunos do 1ºCiclo, uma biblioteca, duas casas de banho e a sala dos professores.

O recreio é um espaço que circunda todo o edifício. Possui uma área de piso sintético “tartan” com uma estrutura de motricidade adequada à idade das crianças com dois baloiços, um aparelho de múltiplas funções (escorregar, subir, trepar e descer), uma área cimentada para a prática de diferentes atividades, e ainda, um campo de futebol também cimentado.

### 2.3.2 A turma

A intervenção decorreu numa turma de 3º ano de escolaridade durante o estágio no âmbito da Unidade Curricular Estágio IV, tendo a duração de dez semanas.

A turma era constituída por vinte e três alunos, com idades compreendidas entre os oito e nove anos, sendo nove do sexo feminino e catorze do sexo masculino. É ainda constituída por diferentes etnias e nacionalidades, pertencendo na sua maioria ao bairro envolvente da escola, Bairro do Peixe Frito, ou ao bairro vizinho, Bairro da Bela Vista.

A turma não tinha crianças diagnosticadas com Necessidades Educativas Especiais, mas integrava crianças com dificuldades de aprendizagem que eram acompanhadas duas vezes por semana por uma professora específica de apoio.

Tendo em conta o plano de turma, pude constatar que as crianças provêm de famílias com um nível socioeconómico baixo, que na sua maioria se encontram em situação de desemprego.

Quanto ao aproveitamento escolar da turma, tendo por base as observações realizadas e as avaliações realizadas, pude inferir que se trata de um grupo heterogéneo, com ritmos de aprendizagem e trabalho bastante díspares, mas na sua maioria positivo.

## 2.4 Apresentação e Interpretação da Intervenção

O primeiro desafio foi identificar os valores que poderiam ser trabalhados e que para além de adequados, fizesse sentido abordá-los com os alunos.

A ideia inicial era trabalhar quatro obras, visto que os alunos estão dispostos em quatro grupos, na sala. E após cada grupo analisar a sua obra, apresentá-la-ia, bem como os valores presentes na mesma, e realizar o debate a partir daí. Acontece que o tempo é bastante limitado, tendo apenas duas horas por semana destinadas ao projeto. Assim, tive de reduzir para apenas uma obra e aprofundá-la. Desta forma, identifiquei as problemáticas do momento que se passavam tanto na sala de aula, como nos períodos de recreio, e pesquisei e analisei diversas obras, tendo optado pela coleção *Biblioteca de Valores*. A coleção apresenta diversas obras que abordam diversos valores. Optei então pela obra “O Segredo do Crocodilo Nino”, devido aos incidentes que estavam a acontecer constantemente na escola, como por exemplo pais a quererem bater nas funcionárias e crianças a inventar boatos. Considero que o tema e os valores abordados na obra se adequam perfeitamente à problemática existente. Existiam ainda elementos na turma que tinham muitas dificuldades em assumir os seus erros, culpando inocentes ou negando a situação. E ainda porque a obra, tal como a coleção integral, estava na biblioteca da escola e assim os alunos poderiam requisitá-la.

A intervenção teve como base a observação ao longo das primeiras aulas, do tempo de recreio, bem como a observação durante o decorrer do Estágio III realizado na mesma escola, tendo constatado que era uma problemática comum.

Sendo então comum que o início da aula fosse a resolver problemas ocorridos no recreio que tinham como base a falta de honestidade e comportamentos inadequados.

Entre os diversos episódios observados, salienta-se o seguinte:

Uma mãe que entra sem autorização na escola a dizer que ia bater na funcionária.

“Professora: A. Porque é que a tua mãe queria bater na funcionária?

A.: Porque ela me bateu lá fora!

Professora: Bateu?! Porquê?

S.: Não bateu nada! Eu vi!

M.: Pois não, só gritou.

Professora: Então A. Conta lá o que se passou.

A.: Bateu sim!

M.: Eu conto o que se passou. A A. Estava no campo de futebol e não é o nosso dia, como a funcionária disse para ela sair e ela não saiu, gritou com ela.

Professora: Foi isso que se passou A.?

A.: Foi, mas ela gritou comigo!

Professora: Não é correto gritar, mas se não era o vosso dia, também não tinhas de ir para lá. E muito menos mentir! Se a funcionária não te agrediu, não podes dizer que agrediu, e quando surgem mal-entendidos, temos de os resolver, e não ir logo chamar a mãe ou o pai.”.

## Descrição das Atividades

Após a análise das observações diárias do grupo e dos relatos da professora cooperante, selecionei a obra “O Segredo do Crocodilo Nino” para ser trabalhada, sendo uma obra sobre o reconhecimento dos próprios erros. A partir desta, trabalhei essencialmente três comportamentos:

**Comportamento:** Reconhecer que agimos mal.

**Valor associado:** Honestidade.

**Comportamento:** Pedir ajuda.

**Valor associado:** Sociabilidade.

**Comportamento:** Ouvir os amigos.

**Valor associado:** Amizade.

Sendo que apesar de cada comportamento ter um valor associado muito específico, incidi essencialmente na educação para o valor da honestidade.

Desta forma, utilizando a metodologia de trabalho de projeto, tinha como principal objetivo educar para o valor da honestidade a partir da obra “O Segredo do Crocodilo Nino”.

### **1. Entrevista a cinco alunos escolhidos aleatoriamente**

Nesta entrevista inicial foram escolhidos cinco alunos de forma aleatória. A mesma teve como principal objetivo perceber os conhecimentos e concepções prévias acerca do tema e dos comportamentos e atitudes adjacentes ao mesmo.

As questões apresentadas foram as seguintes:

- 1.O que é para ti um valor?**
- 2.Como achas que poderíamos trabalhar os valores?**
- 3.O que é uma atitude correta? E uma atitude incorreta?**
- 4.O que é um conflito?**
- 5.Porque achas que surgem os conflitos?**
- 6.Como resolves os conflitos?**
- 7.Achas correto resolver os conflitos com lutas?**
- 8.Existem regras na sala de aula? Sabes quais são? Costumas cumpri-las?**
- 9.Costumas ouvir ou ler histórias? Quando?**
- 10.Gostas de ouvir histórias? Porquê?**
- 11.Será que podemos aprender através das histórias? Porquê? Como?**

Depois de realizadas, foram analisadas categoricamente de forma a ficar com uma perceção global das mesmas e ainda poder comparar os entrevistados. Assim, preenchi a seguinte tabela consoante as respostas dadas pelos alunos.

	Alunos				
	C.	M.	V.	S.	I.
<b>1.O que é para ti um valor?</b>	4	1	1	2	3
<b>2.Como achas que poderíamos trabalhar os valores?</b>	1	3	4	3	3
<b>3.O que é uma atitude correta? E uma atitude incorreta?</b>	3	3	3	3	3
<b>4.O que é um conflito?</b>	1	1	4	1	1
<b>5.Porque achas que surgem os conflitos?</b>	1	1	5	1	1
<b>6.Como resolves os conflitos?</b>	3	3	4	3	3
<b>7.Achas correto resolver os conflitos com lutas?</b>	4	4	4	4	2
<b>8.Existem regras na sala de aula? Sabes quais são? Costumas cumpri-las?</b>	5	4	4	4	3
<b>9.Costumas ouvir ou ler histórias? Quando?</b>	4 <sup>2</sup>	4	4 <sup>3</sup>	4 <sup>2</sup>	4 <sup>1</sup>
<b>10.Gostas de ouvir histórias? Porquê?</b>	4	4	4	4	4
<b>11.Será que podemos aprender através das histórias? Porquê? Como?</b>	4	4	4	4	4

No que diz respeito à entrevista inicial, procurei perceber a relação que tinham com o tema dos valores, mas também a relação que tinham com a literatura. Assim, foi possível verificar que tinham bastantes dificuldades em definir os valores, não sabendo, na sua maioria o que era um conflito. Quanto à literatura, mostraram todos um grande apreço, mas também revelaram a falta de acesso à mesma, sendo que na sua maioria ou lia apenas livros da escola, ou apenas na própria escola.

Por fim, apesar de darem alguns exemplos e de saberem formas de aprender através das histórias, mostraram muita curiosidade na forma como eu ia trabalhar com eles.

---

<sup>2</sup> Na escola

<sup>3</sup> Livros da escola



## **2. Leitura e exploração da história “O Segredo do Crocodilo Nino”<sup>4</sup>**

O livro<sup>5</sup> apresentado pertence à coleção Biblioteca de Valores, apresentando valores como a honestidade, a sociabilidade e a amizade. Apresentando uma história simples de um crocodilo que opta por mentir em vez de pedir ajuda. Diz-nos ainda que devemos pensar antes de agir, visto que, todos fazemos coisas sem pensar, tal como Nino, que na obra come as bagas roxas, e em vez disso deveria ter parado para pensar, antes de agir. Também diz que não devemos rir das outras pessoas. Na obra a Sara ao ver a cara de Nino, começou a rir por este ter um aspeto diferente ou estranho, o que não foi correto nem educado, fazendo com que este tivesse ficado aborrecido, ou demasiado preocupado com a sua aparência. Devemos ainda admitir o nosso comportamento insensato. Todos fazemos coisas que acabamos por nos arrepender. Nestes casos devemos enfrentar a situação e não nos preocuparmos com o que os outros possam pensar. Na obra, Nino tem medo que os amigos se riam dele por ter os dentes roxos, por isso mente e tapa a boca. Nesta situação, deveria ter admitido o que aconteceu e ter pedido ajuda, encontrando desta forma uma solução. Assim, não é errado pedir ajuda. Sempre que tivermos um problema ou estivermos preocupados com algo, podemos pedir ajuda. Se o Nino tivesse pedido ajuda, contando o seu problema, a professora tê-lo-ia ajudado e teria poupado o embaraço.

A obra diz-nos ainda que não devemos ser influenciados pelos nossos amigos, visto que estes não têm sempre razão. Na história, Sara diz para o Nino esconder os dentes e encobrir o seu comportamento. Neste caso, Nino devia ter tomado a decisão de enfrentar o problema e não ter seguido o conselho de Sara. E por fim, não mentir. Às vezes temos medo de arranjar problemas e optamos por a mentira, mas mentir é sempre errado. Ao dizer mentiras, só se arranjam mais problemas e as pessoas perdem a confiança. Na história, Nino opta por mentir com medo de arranjar problemas, e no fim, a mentira só lhe causa mais embaraço, perdendo a oportunidade de cantar.

Na primeira fase do projeto, a obra foi lida por mim, sendo que pretendia que fossem os alunos a lê-la, mas devido à escassez de recursos e de tempo, optei por ser eu. Depois de ter sido lida, fez-se um levantamento, em grande grupo, acerca das partes

---

<sup>4</sup> Anexo II – Planificação da Leitura e exploração da história “O Segredo do Crocodilo Nino”.

<sup>5</sup> Anexo III – Fotografia do livro abordado.

mais relevantes da obra, para que os alunos conseguissem interpretá-la. A partir deste, os grupos formados previamente, começaram a explorá-la preenchendo o guião de leitura.<sup>6</sup>

Através desta atividade, deu-se início ao trabalho de projeto sobre a honestidade. Esta metodologia trouxe algumas dificuldades aos alunos, visto não estarem habituados a segui-la, o que se pôde observar pelas notas de campo:

“O V. chorou muitas vezes porque não queria aceitar a opinião dos restantes membros do grupo.

O D. começou a fazer sozinho porque tem dificuldade em acompanhar o grupo, sendo que posteriormente através do feedback, integrou o mesmo.

O grupo 4 apresentou alguns problemas de comunicação, discutindo por não se ouvirem uns aos outros. O S. adotou a estratégia de pedir a opinião de cada elemento do grupo para chegarem a um consenso, sendo que depois de ouvirem a opinião de cada um, perguntava a quem tinha opinião diferente se queria mudar e se tinha percebido.”. (notas de campo).

Durante a atividade, os alunos preencheram um guião de leitura, tendo sido construído previamente por mim. Neste surgiram algumas dúvidas na identificação essencialmente do autor e do ilustrador, visto que não estava muito visível.

### **Avaliação da atividade**

Através do diálogo estabelecido percebi que a maior parte dos alunos apesar de anteriormente não saberem o que era a honestidade, através da obra lida, conseguiram perceber o conceito. Ao longo das suas conversas também referiam muitas vezes partes da história que serviam de termo de comparação a comportamentos externos à mesma.

A exploração do guião de leitura correu bastante bem, houve uma grande adesão e muito trabalho de equipa, surgindo alguns conflitos, mas tendo sido resolvidos entre eles ou com a minha ajuda.

---

<sup>6</sup> Anexo IV - Guião de leitura de um aluno.

Conseguiram chegar a consensos e perceber não só o conteúdo da obra, como também, o valor em causa. Não tive muito tempo para explorar a parte moral da obra, mas foi explorada num segundo momento, pois considero importante que fique bem esclarecido, sendo que ainda assim, os alunos conseguiram reportar os valores apresentados para as situações do seu quotidiano, fazendo um paralelismo com a obra.

Senti-me orgulhosa de os ver resolver os conflitos ao longo do trabalho, percebendo que precisam de trabalhar mais vezes utilizando esta metodologia de trabalho. As crianças mostraram ainda muita vontade de continuar o projeto, pedindo para continuar logo no dia seguinte.

### **3. O guião de leitura<sup>7</sup>**

Esta atividade deu continuidade ao projeto iniciado anteriormente, sendo um momento de discussão do que trabalharam na aula anterior. Através do trabalho elaborado anteriormente, os grupos elegeram um porta-voz que lesse o que constava do guião que preencheram. À medida que o porta voz do grupo ia lendo, a restante turma, partilhava as suas opiniões, concordando ou discordando e justificando o motivo. Foi importante discutir questão a questão do guião, para que os grupos mostrassem os seus pontos de vista. Por fim, foi debatido o valor que a obra aborda, para que os alunos percebessem bem a sua importância e para que ficassem mais atentos e sensibilizados para o identificar e aplicar no seu quotidiano.

Foi possível perceber que os alunos começavam a ter noção do valor que estávamos a trabalhar através dos comentários que teciam, apesar de alguns ainda fazerem alguma confusão com o real significado do valor.

“S: Quando vou mandar uma pedra, tenho de pensar antes de mandar, porque assim percebo que não devo mandar.

---

<sup>7</sup> Anexo V – Planificação da atividade de preenchimento do guião de leitura.

A: Ao mentirmos estamos a piorar os problemas.

T: E magoamos as outras pessoas...

M: O crocodilo Nino não pensou antes de agir e comeu as bagas. Quando agimos, devemos parar e pensar duas vezes.

Estagiária: E vocês pensam antes de agir? Ou agem primeiro e depois é que pensam?

D: Quando andei a falar da funcionária não pensei antes de agir. Falei por impulso, falei antes de pensar.

S: Os colegas do Nino riram-se dele e não o respeitaram. Pode um dia acontecer a eles.

M: E nós ficamos tristes e aborrecidos quando riem de nós.

G: Eu não acho correto o comportamento do Nino, porque ele mentiu e podia ter acontecido alguma coisa pior.

C: Se ele não tivesse mentido podia ter pedido ajuda a uma pessoa de confiança, como a professora.

G: Se ele não tivesse mentido, nada daquilo tinha acontecido.” **(notas de campo)**

### **Avaliação da atividade**

O debate mostrou-se muito rico, em que a maior parte da turma participou de forma ativa e mesmo os que não participaram muito, estiveram sempre muito interessados. A utilização da obra permitiu que as crianças se distanciassem o suficiente para poderem interpretar e analisar, reportando posteriormente para o seu quotidiano, apresentando diversos exemplos.

Considero que o debate não foi o suficiente para a mudança de comportamento, mas foi um momento em que as crianças refletiram e questionaram as atitudes que têm tido, o que poderá ajudar nessa mudança.

A correção dos guiões permitiu trabalhar de uma forma que as crianças nunca tinham trabalhado, em forma de debate e com a seleção de um porta-voz. Nalguns grupos todos queriam ser os porta-vozes, noutros ninguém queria ser, por terem vergonha de falar para a turma. Apesar disso, conseguiram chegar a um consenso rapidamente.

Antes de começar a atividade tinha receio de não ser capaz de guiar o debate e que os alunos não aprendessem nada com o mesmo. Tinha receio que não lhes fizesse sentido, nem fosse suficientemente interessante. Durante o decorrer do debate, tive facilidade em guiar o mesmo e fazer com que os alunos refletissem realmente acerca do tema, não falando apenas porque queriam dizer alguma coisa.

Por fim, senti esperança de aos poucos ir fazendo a diferença na educação dos valores destas crianças.

#### **4. A narrativa<sup>8</sup>**

De forma a trabalhar a área do português e a produção de texto, adaptando a mesma ao projeto que se estava a desenvolver ao longo das atividades, foi proposto aos alunos que construíssem a sua própria narrativa, utilizando o valor que estava a ser trabalhado. Os alunos, nos grupos que foram estabelecidos inicialmente, tiveram oportunidade de em primeiro lugar, rever as características que constituem uma narrativa, através do dialogo inicial e posteriormente do guião de elaboração da narrativa<sup>9</sup>, tendo sido elaborado por mim e entregue aos alunos. Depois de analisado o guião, cada grupo teve a oportunidade de jogar o “Jogo da Narrativa”<sup>10</sup>, sendo que haviam quatro cubos: espaço, herói, vilão e ação. Depois de lançados os cubos, os alunos teriam de construir uma narrativa utilizando os elementos que lhes calhara.

Depois de construída, cada aluno corrigiu os seus próprios erros e depois entre o grupo, corrigiram os erros uns dos outros. Por fim, foi entregue uma lista de

---

<sup>8</sup> Anexo VI – Planificação da atividade da construção da narrativa.

<sup>9</sup> Anexo VII – Guião da elaboração da narrativa.

<sup>10</sup> Anexo VIII – “O jogo da narrativa”.

verificação<sup>11</sup> da narrativa, em que os alunos puderam verificar se faltava alguma coisa ao que escreveram e apresentaram a narrativa que construíram<sup>12</sup> à restante turma.

Esta atividade utilizou um método de trabalho diferente ao que os alunos estavam habituados, sendo obrigados a ouvir a opinião dos colegas do grupo. Foi possível perceber que houve uma evolução significativa ao comportamento em grupo que tinha observado na atividade de preenchimento do guião de leitura, o que se pôde observar pelas notas de campo:

“V:A S. ainda não deu ideias, agora é a vez dela.

M: A nossa história tem de estar igual, somos um grupo.

I: Ninguém pode ficar para trás, temos de esperar pelo D. (...) É como na matemática, temos de planear antes de fazer.” **(notas de campo).**

### **Avaliação da atividade**

No início da atividade foi preciso algum tempo até que os alunos conseguissem acalmar da agitação do fim de semana, e começarem a focar-se na mesma. Apesar disso, mostraram-se muito participativos e lembravam-se bem do que tinha sido falado anteriormente. Quanto ao jogo dos dados, houve muita agitação no lançamento dos mesmos, mas considero que essa mesma agitação é natural e saudável, mostrando assim o interesse pela atividade e pela nova metodologia apresentada.

Na construção da narrativa, os grupos tentaram fazer pouco barulho para que os outros grupos não ouvissem as suas ideias. Na sua maioria ajudaram-se muito, ouvindo e respeitando a ideia dos colegas. Um dos grupos apresentou ainda algumas dificuldades em trabalhar em grupo, o que fez com que se atrasassem muito em relação aos restantes grupos.

---

<sup>11</sup> Anexo IX – Lista de Verificação da construção da narrativa.

<sup>12</sup> Anexo X – Narrativas construídas pelos alunos.

Considero que foi importante para os alunos realizarem a atividade e terem os guiões de construção da narrativa, que permitiu organizarem-se e recorrerem ao longo da sua construção. A verificação dos erros não foi realizada na mesma aula devido à falta de tempo. Nesta, houve mais dificuldade em aceitar que os colegas os corrigissem, sendo que foi importante a minha intervenção de modo a que adotassem estratégias de justificação dos argumentos de forma a que os alunos percebessem a perspetiva do colega.

## **5. O que é para mim a honestidade?<sup>13</sup>**

De forma a sistematizar o projeto desenvolvido ao longo das semanas e em torno da educação para os valores, nomeadamente para o valor da honestidade, foi pedido aos alunos que escrevessem numa folha a questão “O que é para mim a honestidade?” e antes de responderem à mesma, que fechassem os olhos e pensassem de forma reflexiva sobre o assunto. Esta atividade foi realizada na penúltima semana de estágio, mesmo com o intuito de tentar também perceber o que os alunos aprenderam relativamente a esta temática.

### **Avaliação da atividade**

A atividade apresentou algumas dificuldades aos alunos, visto que apesar de, ao longo das semanas, terem desenvolvido a capacidade de refletir oralmente, é ainda difícil para os alunos, escrever um texto reflexivo. Verificou-se ainda que os alunos que faltaram constantemente ao longo do projeto, tiveram muitas dificuldades, sendo que alguns nem conseguiram concluir a atividade. Como se pode observar no seguinte registo:

---

<sup>13</sup> Anexo XI – Planificação da atividade “O que é para mim a honestidade?”.

“L: Para mim a honestidade é... não roubar, não mentir, não mandar nos adultos, não bater, não matar, não errar, não atirar coisas para o chão, não rir dos outros. Daqui para a frente vou ser honesto.”

Por outro lado, a maioria da turma, apesar de ter dificuldades em organizar o pensamento, conseguiram perceber bem o valor trabalhado, definindo-o e dando exemplos práticos da sua aplicação. Na sua maioria, utilizaram exemplos não só que vivenciaram, mas também que observaram. Como se pode observar no seguinte registo:

“T: Para mim a honestidade é quando alguém admite o que fez, como por exemplo quando eu fui desligar o computador do meu irmão e ele pensou que o computador tinha avariado e eu fui dizer-lhe que eu tinha desligado o computador. Ele ficou feliz por eu dizer-lhe tudo o que eu fiz, eu acho que o mundo todo devia ser honesto e para mim ser honesto é muito bom.”

## 6. Entrevistas Finais

Na entrevista final foram escolhidos os mesmos cinco alunos selecionados de forma aleatória na entrevista inicial, de forma a poder comparar as respostas iniciais e posteriores à elaboração do projeto.

As questões apresentadas foram as mesmas da entrevista inicial, com a exceção à última questão que foi acrescentada: **E com a história que vos contei aprendeste alguma coisa? Porquê?**

	Alunos				
	C.	M.	V.	S.	I.
1.O que é para ti um valor?	4	4	5	4	4
2.Como achas que poderíamos trabalhar os valores?	4	4	4	4	4
3.O que é uma atitude correta? E uma atitude incorreta?	4	3	3	3	3
4.O que é um conflito?	3	3	4	3	3



<b>5.Porque achas que surgem os conflitos?</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
<b>6.Como resolves os conflitos?</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>7.Achas correto resolver os conflitos com lutas?</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>8.Existem regras na sala de aula? Sabes quais são? Costumas cumpri-las?</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>9.Costumas ouvir ou ler histórias? Quando?</b>	<b>4<sup>14</sup></b>	<b>4</b>	<b>4<sup>15</sup></b>	<b>2<sup>4</sup></b>	<b>1<sup>4</sup></b>
<b>10.Gostas de ouvir histórias? Porquê?</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>
<b>11.Será que podemos aprender através das histórias? Porquê? Como?</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>
<b>12. E com a história que vos contei aprendeste alguma coisa? Porquê?</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>55</b>	

Após ter terminado o projeto, voltei a realizar as mesmas questões e constatei bastantes mudanças nas respostas, sendo que os alunos mostraram algumas aprendizagens e mudanças na forma como, agora mais conscientes dos valores, agiriam perante as situações de conflito. Em relação ao problema detetado na primeira entrevista, o facto de os alunos apenas lerem os livros da escola ou mesmo na própria escola, é algo que não consegui alterar. Foi possível apenas motivar os alunos que apenas liam na escola, a requisitar livros na escola e levarem para casa.

---

<sup>14</sup> Na escola

<sup>15</sup> Livros da escola

## Considerações finais

O último capítulo apresenta as considerações finais, onde é importante refletir acerca de todo o processo e conclusões do projeto implementado, bem como as suas dificuldades, aprendizagens e conclusões retiradas após toda esta análise. O relatório para além de refletir sobre o projeto desenvolvido na prática pedagógica, analisa ainda a importância da narração de histórias na educação para os valores.

O Estágio III e IV, foram fundamentais para a natureza deste projeto, visto que foi no Estágio III que formulei a questão problema que queria estudar, e no estágio IV que implementei o projeto e obtive os resultados. Os estágios mostraram-me ainda uma realidade para a qual não tinha muita consciência, abrindo portas para a realidade do mundo da educação.

Posto isto, é importante refletir de forma consciente e construtiva, acerca de todo o percurso e do modo como influenciou tanto a minha prática como também as aprendizagens dos alunos.

A observação e os registos diários de tudo o que ia acontecendo, foram fundamentais para a reflexão e elaboração do presente relatório, visto que permitiram que não deixassem passar pormenores importantes ao mesmo. E desta forma, fui refletindo diariamente, enquanto a informação ainda estava presente.

No que se refere às dificuldades sentidas, foram essencialmente na escolha do tema e posteriormente no caminho que precisava de traçar para seguir. Pesquisei diversos temas de interesse e decidi que deveria escolher algo que não só despertasse interesse, como também tivesse a ver com a minha personalidade e com o caminho que quero seguir enquanto profissional. Também o facto de presenciar inúmeras situações de conflito, fizeram despertar o interesse por tentar consciencializar os alunos para a mudança de comportamentos. A literatura surgiu logo quando constatei que os alunos não tinham muitos recursos literários e não percebiam que poderia surgir uma ligação entre a literatura e a educação para os valores.

Posto isto, segui a escolha do valor a ser trabalhado, que após analisar os livros disponíveis na biblioteca da escola, foi claro qual seria selecionado, tendo em conta as situações de conflito presentes nas primeiras semanas de estágio.

Considero que a literatura se revelou sem dúvida uma grande estratégia na consciencialização e educação para os valores. De acordo com Abramovich (cit. por Silva, 2011),

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre [...] É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram) [...]. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) [...] É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. (p. 17)

Durante a implementação do projeto, bem como posteriormente, os alunos referiram diversas vezes o quanto tinham gostado da estratégia utilizada, mostrando um grande interesse por ler uma nova obra.

Assim, constatei que apesar de o projeto ter tido um espaço temporal bastante reduzido, relativamente aos objetivos traçados, estes, de um modo geral, foram atingidos. Devido ao facto de ter sido tão pouco tempo, não pretendia que os alunos tivessem grandes alterações de comportamento, refletindo a educação para os valores, mas considero positivo o facto de pelo menos terem ficado consciencializados que o valor existe, o que o define e como pode ser observado e praticado. Desta forma, percebendo ainda que as histórias podem ter uma grande influência na educação dos mesmos, poderão dar continuidade a esse processo quer com a professora cooperante, quer de forma autónoma. Ao trabalhar segundo a metodologia que apela ao trabalho de grupo, fez com que as crianças implicitamente estivessem também a aprender outros valores, como a amizade, o respeitar as diferentes opiniões, o trabalhar em equipa, entre outros. Sendo também eles essenciais para a vida em sociedade e que por vezes são bastante difíceis de adquirir.

Este projeto revelou-se ainda importante pelo facto de mostrar aos alunos que apesar de não terem a oportunidade de ter muitos livros em casa que possam ler, podem

sempre requisitar na escola. Desta forma, ajudou-os a desenvolver competências cognitivas e de oralidade, mas acima de tudo, estimulou a curiosidade e o gosto pela literatura. Segundo Oliveira (cit. por Silva, 2011, p. 35), a narração de histórias não ajuda apenas os alunos, mas também os professores, visto que “por meio desta o professor terá maiores possibilidades metodológicas para alfabetizar e até mesmo ensinar conteúdos específicos a seus alunos”. Através da literatura, o professor pode trabalhar qualquer conteúdo, fazendo dessa aprendizagem, uma aprendizagem significativa para o aluno.

Quanto ao processo, considero que as questões colocadas nas entrevistas, poderiam ter sido repensadas e sendo colocadas de uma forma mais simples para que os alunos percebessem melhor, visto que tiveram dificuldades em entender o que eu pretendia. Apesar disso, foram colocadas de forma clara, com o objetivo de perceber se tinham conhecimentos acerca do tema.

Durante os debates percebi ainda que os alunos sentiam falta de falar acerca de temas relacionados com os valores, as atitudes e os comportamentos. Mostrando algumas dúvidas acerca dos mesmos e concepções ingênuas que após refletirem um pouco sobre o tema, conseguiram desconstruí-las e identificar certas atitudes que deveriam ser melhoradas. É então lamentável que o currículo do Ensino Básico dê tão pouca importância a um tema que cada vez mais é fundamental trabalhá-lo nas escolas. Considero que devia ser repensado e melhorado, de forma a incluí-lo nas diferentes áreas de conteúdo e de forma mais explícita.

Para concluir, não posso afirmar que consegui marcar a diferença através do projeto, em todos os alunos, visto que, alguns faltavam constantemente às aulas. Apesar disso, considero que a grande maioria da turma percebeu a mensagem que quis transmitir, e através dos relatos, mostraram-se crianças um pouco mais reflexivas acerca dos seus comportamentos, conseguindo identificar, definir e transmitir o significado e a importância do valor trabalhado.

## Bibliografia

- Adam, J. M., & Revaz, F. (1997). *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva.
- Agrupamento Vertical de Escolas Ordem de Sant'Iago. (s.d.), Obtido em 27 de Maio de 2014: <http://www.aveordemsantiago.pt/>;
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta
- Araújo, S. (2008). *Contributos para uma Educação para a Cidadania: Professores e Alunos em Contexto Intercultural*. Teses: Lisboa.
- Barbosa, C. & Santos, L. (2009). *Contação de histórias para crianças dos anos iniciais*. Face vv, 3, (p. 23 - 33).
- Barreto, A. G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras. □ Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bettelheim, B. (1999). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo: Ed Paz e Terra
- S/A. Bettelheim, B. (1980): *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Lei Federal n.9.394, de 20/12/1996.
- Bruner, J. (1997). *Actos de Significado*. Lisboa: Edições 70. □ Bruner, J. (2000). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Cerrillo, P. (2009). *Sociedad e Lectura. La Importancia de los Mediadores en Lectura*. In *Formar Leitores para Ler o Mundo - Congresso Internacional de Promoção da Leitura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cervera, J. (1984). *La Literatura Infantil em la Educación Básica*. Madrid: Cincel.
- Cervera, J. (1992). *Teoria de La Literatura Infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero, Universidad de Deusto.
- Charneco, J. A. (2012). *Literatura Infanti l na Promoção de Valores*. Beja: Instituto Politécnico de Beja

- Ciência, M. d. (2013). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Lisboa.
- Conselho Nacional de Educação (2000). *Educação Intercultural e Cidadania*, Edição do CNE, Lisboa.
- Cadima, J., Leal, T., & Cancela, J. (2011). *Interacções professor-aluno nas salas de aula no 1.º CEB: Indicadores de qualidade*. *Revista Portuguesa de Educação*, 24, pp. 7-34. Braga: CIEd - Universidade do Minho
- Coelho, N. (1984). *Literatura Infantil - História, Teoria, Análise*. S. Paulo: Edições Quiron.
- Coutinho, C. (2008). *A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade*. *Educação Unisinos*, Vol.12 (N.º1), pp. 5-15.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII, N.º2, pp. 455-479. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas - Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2.ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dohme, V. (2000). *Técnicas de contar Histórias. Um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. São Paulo: Informal.
- Duque, Bárbara. (2005) *Um livro...uma história...Interculturais*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Egan, K. (1992). *O desenvolvimento educacional*. (A. M. Chaves, Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Egan, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino: uma abordagem alternativa ao ensino e ao currículo na escolaridade básica*. Lisboa: Dom Quixote.
- Fonseca, A. (2001). *Educar Para a Cidadania: Motivações, Princípios e Metodologias*. Porto: Porto Editora.

Fonseca, J. (2005). *Educação e valores: que relação?* Arquipélago – Ciências da Educação, 6, (p. 107 – 127).

Fonseca, J. (2011). *A cidadania como projecto educacional: uma abordagem reflexiva e reconstrutiva*. Tese de Doutoramento em Educação. Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.

Ghiglione, R., Matalon, B. (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gomes, J. A. (1979). *A Literatura para a Infância*. Lisboa: Torres e Abreu Lda.

Herzog, I. V. (2015). *Orientações gerais : educação em direitos humanos* . São Paulo.

Marques, M., Neves, I., Pinheiro, A., Pinho, R., Oliveira, C., & Santos, V. (2007). *O educador como prático reflexivo*. Cadernos de estudo nº6, pp. 129-142. Obtido de [http://repositorio.eseipf.pt/bitstream/10000/122/2/Cad\\_6Educador.pdf](http://repositorio.eseipf.pt/bitstream/10000/122/2/Cad_6Educador.pdf)

Marques, R. (1991). *A educação para os valores morais no ensino básico – o currículo implícito e explícito*. Tese de doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Marques, R. (1997). *Escola, Currículo e Valores*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (1998). *Ensinar valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora.

Marques, T. (s/d): “*Conta-me uma história...*” In *Certa* (2007:22-23).

Martins, M. E., Loura, L. C., & Mendes, M. (2007). *Análise de Dados: Textos de Apoio para os Professores do 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

ME/DEB (2004). *Organização curricular e programas: 1.º ciclo do ensino básico* (4ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

Micaelo, M. P. (2003). *Análise de uma prática pedagógica experienciada. O aluno e o exercício da cidadania*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de Formação de Professores. Universidade de Lisboa.

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais*. Departamento da educação Básica. Lisboa.

Mussen, P., Conger, J. & Kagan, J. (1977) *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil (trad.).

Niza, I., Segura, J., & Mota, I. (2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico - Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação. Obtido em 30 de maio de 2016, de <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/escritaoriginal.pdf>

Pennac, D. (1993). *Como um Romance*. Porto: Edições Asa.

Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI. (Ed.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.

Reis, C. & Lopes, A. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

Reis, P. (2008). *Nuances: Estudos sobre Educação*. São Paulo: Presidente Prudente.

Silva, I. (2006). *Educação para os Valores em Sexualidade: Um Estudo com Futuros Professores e Alunos do 9º Ano de Escolaridade*. Mestrado em Educação. Universidade do Minho, Braga.

Silva, I. (2011). *A Contação de História e sua contribuição para o processo de Ensino e Aprendizagem*. Monografia de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação.

Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação.

Sousa, O. (1995). *Reconto e Aquisição da Gramática Textual, Ler e Educar*. Escola Superior de Educação de Beja, Beja, pp. 49-58.

Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, A. & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios segundo Bolonha*. Lousã: Pactor.



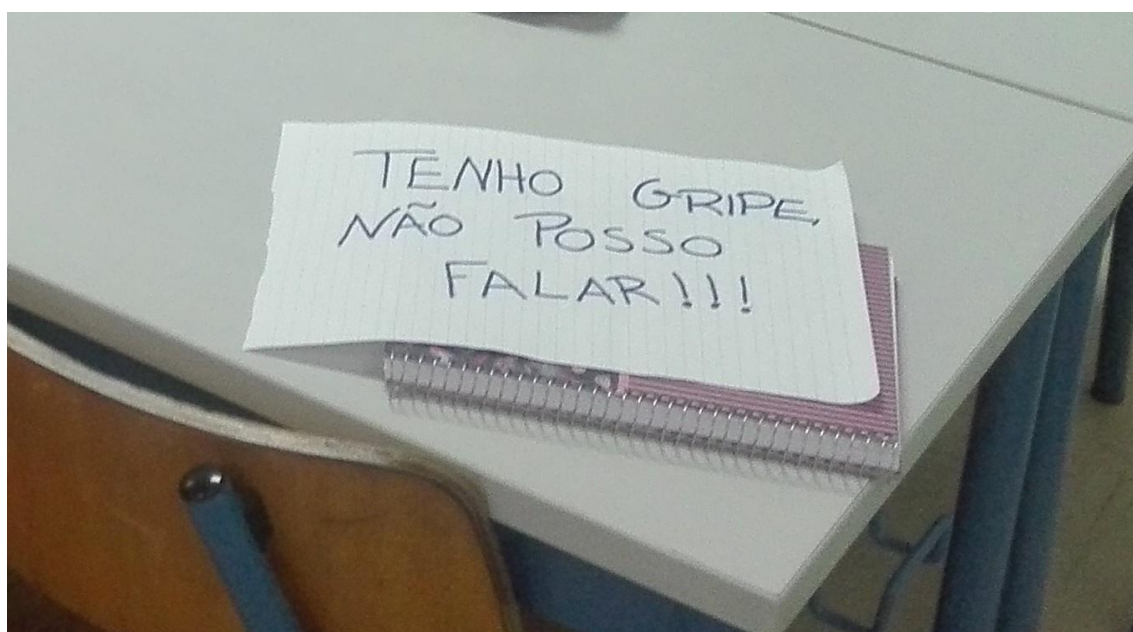
Vargas, M. V. (2002). *Fundamentos Teóricos para una Interpretación Crítica de la Literatura Infantil*. Comunicación, Julio-Diciembre, año/vol. 12, número 002. Cartago: Instituto Tecnológico de Costa Rica. Acedido em 12 de setembro de 2012, em <http://www.kerwa.ucr.ac.cr/bitstream/handle/10669/694/Fundamentos%20te%C3%B3ricos.pdf?sequence=1>.

Viana, F. (2002). *Da Linguagem Oral À Leitura – Construção e validação do Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Viana, F. (2002). *Melhor Falar Para Melhor Ler – Um Programa de Desenvolvimento de Competências Linguísticas (4-6 anos)*. (2.<sup>a</sup> ed.). Minho: Coleção infans – centro de estudos da criança.

## Anexos

### Anexo I - Elementos físicos presentes na leitura da obra



## **Anexo II – Planificação da Leitura e exploração da história “O Segredo do Crocodilo Nino”**

### **“O segredo do crocodilo Nino”**

#### **Áreas envolvidas:**

Português.

#### **Objetivos:**

- Compreender o conteúdo da obra “O segredo do crocodilo Nino”;
- Identificar: título, autor, ilustrador, personagens principais, tempo e espaço, ação principal, tipo de texto, o que mais gostaram e o que aprenderam;
- Resumir oralmente a narrativa que ouviram;
- Perceber a importância do valor da honestidade;
- Trabalhar em pequeno grupo.

#### **Conteúdos:**

- Narrativa.
- Valor da honestidade.

#### **Metodologia:**

Trabalho em pequeno grupo.

#### **Descrição da tarefa:**

A aula inicia com o retorno à calma e com os registos iniciais. De seguida, procede-se à leitura da obra e à exploração da mesma através do recurso oral e de questões que levem as crianças à sua interpretação. Após a exploração é preenchido, em pequeno grupo, o guião da obra. Depois de preenchido é discutido, em grande grupo, percebendo as diferentes respostas dos grupos corrigindo as que estão incorretas.

#### **Tempo previsto:**

**Duas horas:** 20 minutos de retorno à calma e registos diários;

50 minutos para ler e explorar a obra;

30 minutos para discutir e preencher o guião;

10 minutos para lanchar.

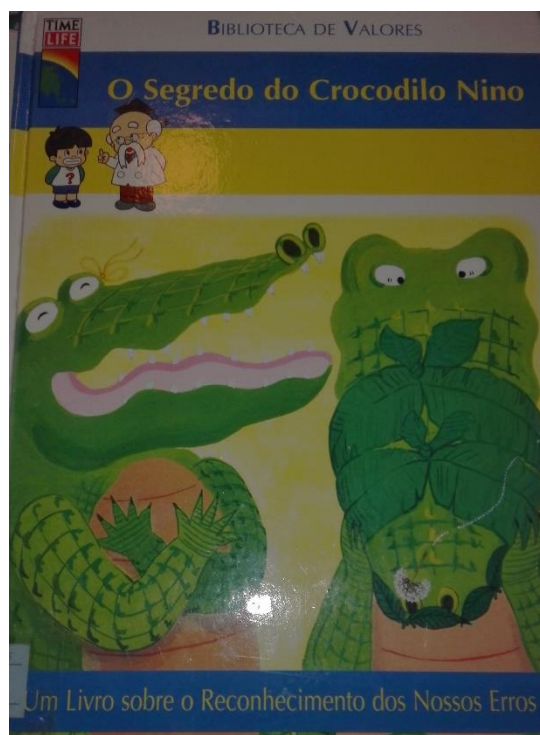
### **Dificuldades previstas:**

Com a realização desta atividade, podem surgir diversas dúvidas em determinados momentos. Posto isto, inicialmente os alunos poderão ter dificuldade na interpretação da obra e na sua exploração, facto determinante para a resolução do guião. Também poderão existir dificuldades na perceção do valor em causa e no reportar para o quotidiano.

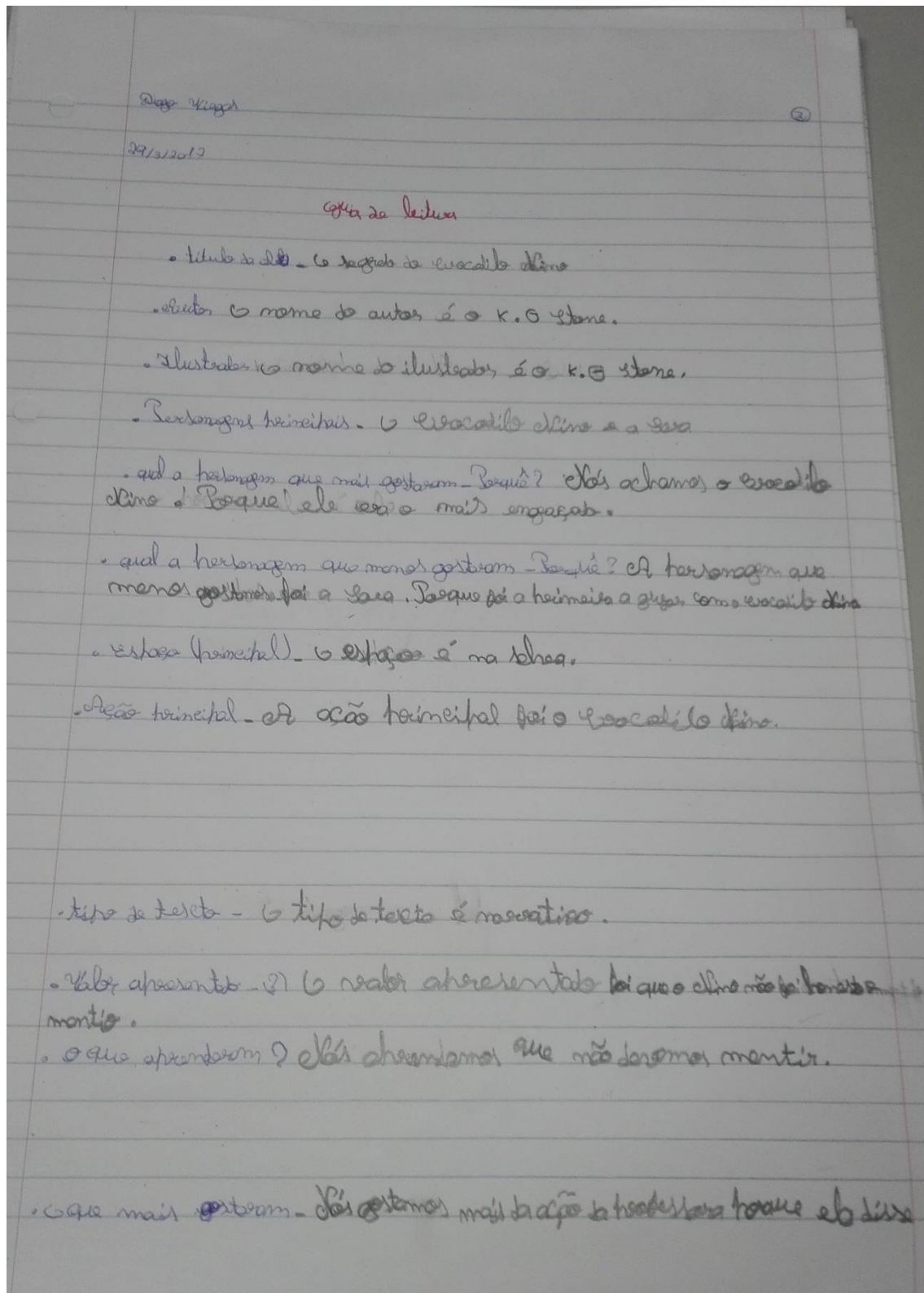
### **Sistematização:**

A sistematização será realizada no final com a discussão sobre o guião da obra, referindo como pensaram. Neste momento, os alunos poderão corrigir o que fizeram explicando como pensaram e percebendo onde erraram através da explicação dos colegas, verbalizando o seu ponto de vista.

### **Anexo III – Fotografia do livro abordado.**



#### Anexo IV - Guião de leitura de um aluno.



## **Anexo V – Planificação da atividade de preenchimento do guião de leitura.**

### **“O segredo do crocodilo Nino”**

#### **Áreas envolvidas:**

Português.

#### **Objetivos:**

- Compreender o conteúdo da obra “O segredo do crocodilo Nino”;
- Identificar: título, autor, ilustrador, personagens principais, tempo e espaço, ação principal, tipo de texto, o que mais gostaram e o que aprenderam;
- Resumir oralmente a narrativa que ouviram;
- Perceber a importância do valor da honestidade;
- Trabalhar em pequeno grupo;
- Expressar-se utilizando um tom de voz, articulação e ritmo adequados;
- Utilizar um vocabulário alargado, adequado e variado;
- Utilizar um discurso argumentativo.

#### **Conteúdos:**

- Narrativa;
- Valor da honestidade.

#### **Metodologia:**

Trabalho em pequeno e grande grupo.

#### **Descrição da tarefa:**

A aula inicia com o retorno à calma e com o relembrar dos conteúdos da obra e a ação principal, sendo um momento de discussão em grande grupo. Posteriormente os grupos irão escolher um porta-voz que irá ler o guião que preencheram na aula anterior. O guião será analisado e discutido, questão a questão, de modo a que os grupos discutam os seus pontos de vista. No fim, é debatido o valor que a obra aborda, para que as crianças percebam a sua importância.

**Tempo previsto:**

**Duas horas:** 10 minutos de retorno à calma;

30 minutos para relembrar a obra;

45 minutos para apresentar e discutir as respostas ao guião;

20 minutos para discutir o valor apresentado;

15 minutos para lanchar.

**Dificuldades previstas:**

Com a realização desta atividade, podem surgir diversas dúvidas em determinados momentos. Posto isto, inicialmente os alunos poderão ter dificuldade na interpretação da obra e na sua exploração, facto determinante para a resolução do guião. Também poderão existir dificuldades na perceção do valor em causa e no reportar para o quotidiano, bem como na perceção e aceitação dos diferentes pontos de vista dos colegas.

**Sistematização:**

A sistematização será realizada no final com a discussão sobre o guião da obra, referindo como pensaram. Neste momento, os alunos poderão corrigir o que fizeram explicando como pensaram e percebendo onde erraram através da explicação dos colegas, partilhando o seu ponto de vista. A discussão acerca do valor apresentado também irá permitir perceber se os alunos o compreenderam.

## **Anexo V I– Planificação da atividade da construção da narrativa.**

### **Jogo dos Dados**

#### **Áreas envolvidas:**

Português.

#### **Objetivos:**

- Produzir um texto narrativo;
- Perceber a importância do valor da honestidade e saber aplica-lo numa narrativa;
- Conseguir, em grupo, planificar o texto relacionando e organizando as ideias e o tema;
- Utilizar uma ortografia e pontuação correta;
- Trabalhar em pequeno grupo;
- Utilizar um vocabulário alargado, adequado e variado.

#### **Conteúdos:**

- Narrativa;
- Valor da honestidade.

#### **Metodologia:**

Trabalho em pequeno e grande grupo.

#### **Descrição da tarefa:**

A aula inicia com o retorno à calma e com o relembrar dos conteúdos trabalhados na aula anterior, nomeadamente o valor da honestidade. Posteriormente os grupos irão, à vez, lançar os dados da narrativa e consoante o que lhes calhar, elaborar uma narrativa sendo que todos têm de utilizar o valor discutido. Ser-lhes-á entregue um guião de elaboração da narrativa, e posteriormente um guião de verificação.

#### **Tempo previsto:**

**Duas horas:** 10 minutos de retorno à calma;



10 minutos para lembrar a aula passada;

30 minutos para construir a narrativa;

5 minutos para verificar através do guião;

5 minutos para lanchar.

### **Dificuldades previstas:**

Com a realização desta atividade, podem surgir diversas dúvidas em determinados momentos na construção da narrativa. Sendo que será a primeira vez que constroem uma narrativa tendo de utilizar um valor pré-definido e em grupo, poderão surgir alguns conflitos.

### **Sistematização:**

A sistematização será realizada posteriormente com a verificação através dos guiões e com a apresentação das narrativas.

## **Vamos corrigir**

### **Áreas envolvidas:**

Português;

Formação para a cidadania.

### **Objetivos:**

- Identificar os erros ortográficos dos colegas;
- Ilustrar a narrativa criada;
- Expressar-se utilizando um tom de voz, articulação e ritmo adequado;
- utilizar um vocabulário alargado, adequado e variado.

### **Conteúdos:**

- Valor da honestidade;

-Produção escrita.

**Metodologia:**

Trabalho em pequeno grupo e grande grupo.

**Descrição da tarefa:**

A aula inicia com o retorno à calma. Posteriormente os alunos trocam de cadernos entre si e através do guião de revisão, corrigem os erros dos colegas. De seguida ilustram e apresentam a narrativa criada.

**Tempo previsto:**

**Duas horas:** 15 minutos para o retorno à calma e o preenchimento do plano do dia;

30 minutos para corrigir;

30 minutos para ilustrar;

35 minutos para apresentar;

10 minutos para lanchar.

**Dificuldades previstas:**

As únicas dificuldades que prevejo são essencialmente o trabalho em grupo.

**Sistematização:**

Com o acompanhamento aos grupos, irei ajudar na correção ortográfica.

## Anexo VII – Guião da elaboração da narrativa.

### Vamos fazer um texto!

#### Guião de elaboração da narrativa

- ☐ Pensa sobre o assunto do texto, nos pormenores que queres incluir e na estrutura que pretendes seguir.
- ☐ Faz um rascunho colocando as ideias no papel.
- ☐ Relê e certifica-te que o texto não tem erros ortográficos. Retira o que achares que não faz sentido e não repitas várias vezes a mesma palavra.
- ☐ Depois de o texto estar terminado, passa-o a limpo. Não te esqueças de fazer uma caligrafia bonita, deixar espaços entre as palavras, deixar espaços no início dos parágrafos e colocar maiúsculas no início das frases.



## Anexo VIII – “O jogo da narrativa”.

### Jogo dos dados.

Em grupo vou **inventar** uma história.

Vou ter em conta a face dos dados que ficar voltada para cima.

O primeiro dado representa o **Tempo**.

Imagem: tempestade.

Escrevo então:

*Num dia de tempestade*



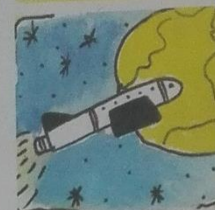
Depois jogo o dado do **Espaço**.

Imagem: nave.

Escrevo:

e descrevo a nave (releio a história n.º 4 para a qualificação).

*vivia numa nave*



Jogo então o dado do **herói**

Imagem: cavaleiro

Escrevo:

Vou imaginá-lo e descrevê-lo (releio a história n.º 4 para a qualificação).

*um cavaleiro*



O herói precisa de algo para ser feliz (objecto, felicidade, amor...) e é por isso que parte à aventura.

Jogo o dado do **objectivo**.

Descrevo o que deseja o herói.



Já sei que numa história há **obstáculos** ou **inimigos**.

Jogo o dado correspondente e descrevo-os.



Mas também há amigos ou **situações favoráveis**.

Jogo o dado correspondente e descrevo-os.



- Como terá o herói resolvido a situação?
- Como atingiu o seu objectivo?
- Como terminará a história?

Vou imaginar muitas histórias com os meus colegas.

## Anexo IX – Lista de Verificação da construção da narrativa.

### Vamos rever!

#### Lista de verificação

- ☐ Usei a minha melhor caligrafia.
- ☐ Deixei espaço entre as palavras.
- ☐ Usei letra maiúscula no início das frases, nomes de pessoas e locais.
- ☐ Usei a pontuação correta para cada frase.
- ☐ Escrevi sem erros ortográficos.
- ☐ Escrevi um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão.



A princesa e o reino

Era uma vez, uma linda princesa que morava em um castelo.  
Um dia, limite a princesa Madalida foi visitar a sua amiga  
seria que se chamava Beatriz.

As duas amigas tinham como motivação na televisão, que no Globo  
Monte as crianças estavam cobertas de pedrinhas.

Um dia, no Globo Monte as duas amigas viram um grande cas-  
telo onde estava uma bruxa que se chama bruxa do Globo Monte.

As duas amigas entraram no castelo e viraram um bruxo  
muito feio de cor, e as amigas perguntaram:

- Senhora bruxa, poderia lhe fazer duas perguntas a você?
- Sim podem! disse a bruxa.
- É boa ou é má?
- É boa! respondeu a bruxa a menina.
- Como uma cura para ajudar os pingüins que estão cobertos de pedrinhas.

- Então! disse a menina azul.

No lado do castelo da bruxa estava um foguetão.

As amigas entraram nos foguetos, pegaram-se a corrente do  
planeta azul.

Elas chegaram ao planeta azul, alancem a vista e viraram  
um castelo abandonado.

A senhora Beatriz apercebeu-se que era uma meninista da  
bruxa e avisou a sua amiga Madalida.

Então firm, foram a correr para o fogueto e foram dentro por  
o Globo Monte.

Quando chegaram ao Globo Monte a bruxa estava lá a suar  
se:

- Há, há, há, há, há!
- Estavam na minha armadilha suas meninas!

A bruxa foi perseguida pelas meninas e elas foram a correr.  
Viraram com os foguetos, chegaram-lhe a casa e ficaram com pedrinhas.

As duas amigas e o pinguim abraçaram o planeta do fogueto à bruxa e  
foram com ela para a praia e aprenderam muita coisa.

O grupo:

- Lima Soares
- Fernanda apolinari
- Rodrigo Costa
- Bitinha Pessoa
- Cristiano Ribeiro



### aventuras no mar

Era uma vez um felcio florestal chamado yacô que protegia as montanhas dos predadores que ameaçavam matar os animais.

Um dia que um dia um pirata mau apareceu para roubar o tesouro das montanhas mas o felcio florestal heróico. Entretanto o felcio a tentou apólar o pirata caiu a água e o pirata fugiu com o tesouro.

E depois o felcio yacô decidiu ligar ao seu amigo Ribem que era o capitão da frota naval.

Um comboio atingiu a parte lateral do barco do pirata que este começou a deitar petardos.

A seguir o helicóptero como seu amigo pegou o pirata e voltaram para as montanhas e os piratas pediu desculpa aos dois amigos.

o grupo:

- Maxim Mendes

- Lara Fernandes

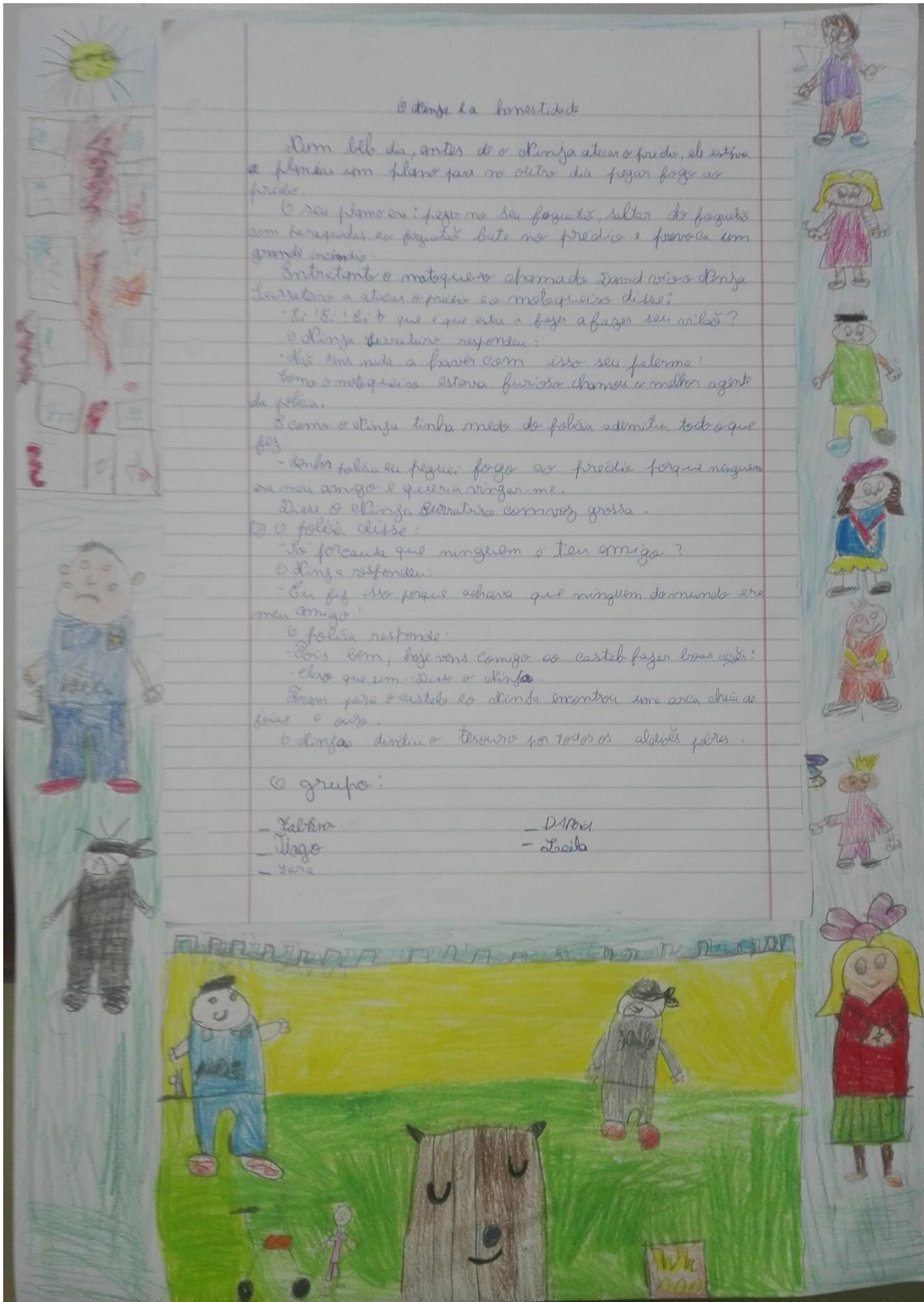
- André Ribeiro

- Vítor Santos

- Ana Costa

- Tânia Silva







### O Super Homem e o afeto

Essa uma vez um halicóptero que tinha um filho, esse magrinho tinha deus todo  
O seu corpo era esbranquiçado e amarelado, as suas pernas eram negras e tinha dentes.  
Então o Super Homem viu uma ave que estava um pouco a aboiar  
lá-bá.

Como a ave era magra falou com o Super Homem e agradeceu, ficaram os dois  
amigos e a ave ficou afeto ao Super Homem.

O cientista era mau e mentiroso e fez uma magia que fez o Super Homem pequeno.  
Depois o Super Homem, o filho e a ave foram fazer a festa e o  
cientista mau foi à festa porque era mau e mentiroso.

O Super Homem e a ave ficaram felizes para sempre com  
o filho e o filho foi a noite brincar com os brinquedos.

### O grupo:

- Jorgão
- Diego
- Leandro
- Ana
- Micael



## **Anexo XI – Planificação da atividade “O que é para mim a honestidade?”.**

### **A Honestidade**

#### **Áreas envolvidas:**

Português.

#### **Objetivos:**

- Expressar-se utilizando um tom de voz, articulação e ritmo adequado;
- Utilizar um vocabulário alargado, adequado e variado;
- Ser capaz de selecionar a informação essencial.

#### **Conteúdos:**

- Valor da honestidade;
- Produção escrita.

#### **Metodologia:**

Trabalho individual.

#### **Descrição da tarefa:**

A tarefa inicia com o retorno à calma e com a rotina diária dos alunos. Posteriormente, no seguimento do projeto sobre a educação de valores através da literatura, será distribuída uma folha por cada aluno, sendo que nela terão de responder à pergunta: “O que é para mim a honestidade”, tendo como obrigatoriedade um mínimo de 5 linhas e a utilização de um exemplo do seu quotidiano onde tenham sido honestos ou tenham observado atos de honestidade. Depois de elaboradas as produções escritas, cada aluno irá apresentar a sua aos colegas.

#### **Tempo previsto:**

**Uma hora:** 15 minutos para o preenchimento do plano do dia;

25 minutos para a produção escrita;

20 minutos para a apresentação das produções escritas.

**Dificuldades previstas:**

Algumas crianças poderão ter dificuldade em refletir e organizar as ideias de forma a selecionar apenas as ideias importantes e relevantes para a produção escrita.

**Sistematização:**

A atividade representa a sistematização do projeto, sendo que com a apresentação dos alunos conseguiremos perceber se compreenderam o valor e se o conseguem reportar para o quotidiano.